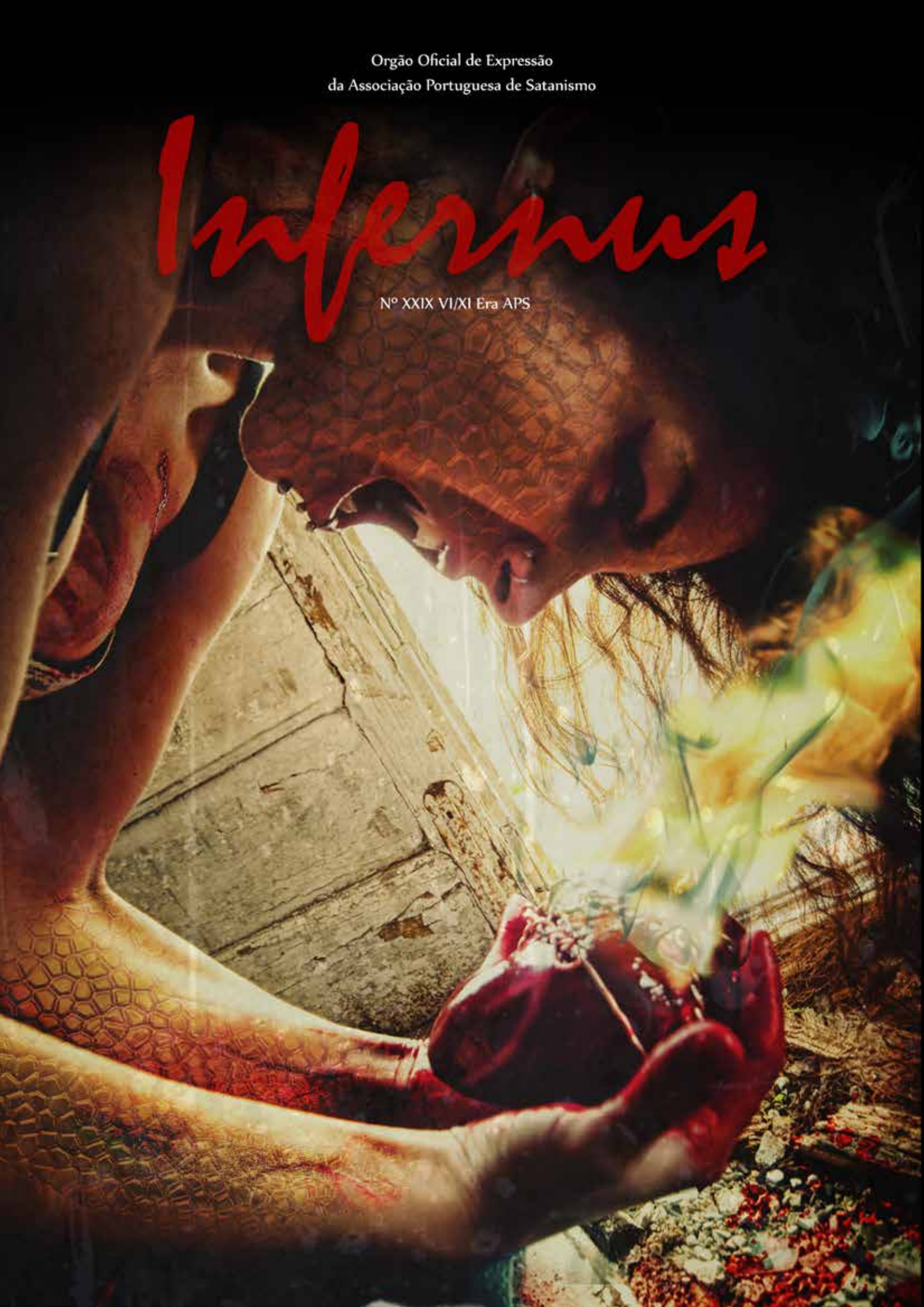


Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

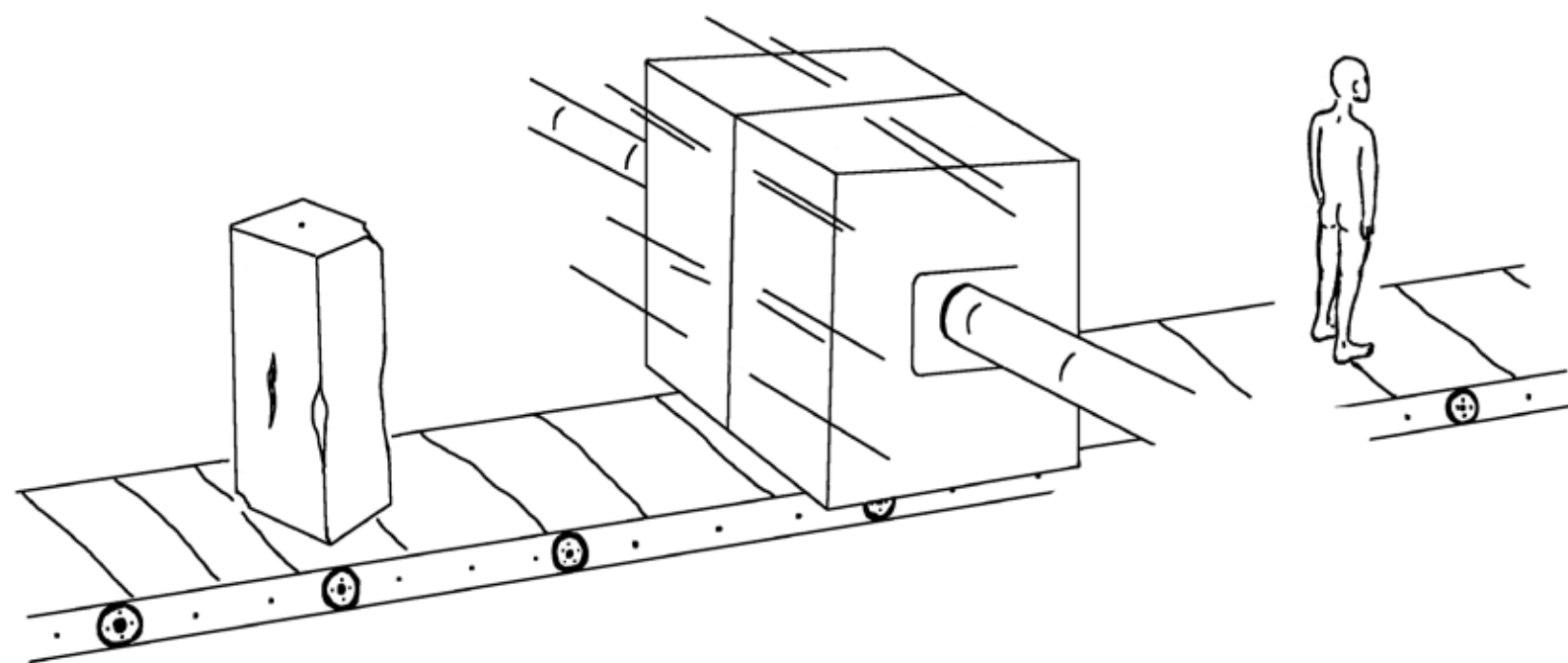
Nº XXIX VI/XI Era APS





Cartoon-h-ell

King Chaos



Ficha Técnica

Infernus nº XXIX

Editor: Mosath

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende,
King Chaos, Lurker, Metzli, Outubro

Colaboradores: Adamastor, Charles Sangnoir,
Fátima Vale, José Macedo Silva, Júlio Mendes Ro-
drigo, Luisa Demétrio Raposo, Lupum, Naive, Pau-
lo César, Vitor V.

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

Págs. 1, 10, 12, 26, 28, 38, 42: Eva Plaisir – SinVision

Págs. 4, 13, 20: Paulo César – www.paulocesar.eu

Págs. 6, 14, 17, 24, 40, 41: Luís Macedo Tavares

Págs. 8: Mia Couto – nossafrika.blogspot.com

Págs. 31, 36: Mosath

Pág. 32: Bjork – Still from All is full Love

Pág. 35: Pygmalion And Galatea

Pág. 37: Alda Silva – www.aldasilva.net



Editorial

Mosath

Perfeição? Eugenia? Palavras que estão espalhadas pelas maiores expectativas de muitas pessoas e que, por isso, merecem ser abordadas.

A presente edição da “Infernus” aborda, portanto, as temáticas Perfeição/Eugenia e contamos, uma vez mais, com os nossos colaboradores para viajarmos até ao interior destes conceitos, através das suas próprias visões, experiências e dos seus desassossegos. Continuamos a ter uma franca adesão às temáticas a que nos propomos, o que nos leva a acreditar que é francamente positivo o desafio a que esta *newsletter* procura responder, isto é, desmontar as temáticas nos seus sentidos mais latos até que somente sobre uns elos bastante pertinentes que qualquer um dos nossos leitores e/ou curiosos possa agarrar e manusear a seu belo prazer.

Chegado o Solstício de Verão, eis-nos na proliferação de mais uma edição “Infernus”! A acompanhar um sol imenso e uma aura de fogo interior, a qual acompanha um ambiente de chama exterior, chega-nos esta edição que procura referir, para depois analisar, a Perfeição e a Eugenia. Olho esta estação do ano com alegria vigorosa, abundante, já que o calor que lhe é inerente me recorda do acto de pensar. Ao pensarmos, sente-se um calor no interior do crânio e, por vezes, é tão intenso que o mesmo nos envolve por completo. Desse estado, surgem ideias, parece-me, que podem claramente influenciar tudo o que nos aguarda. O Verão é propício para a partilha de experiências mais quentes e joviais, pelo que encaixa muito bem esta temática Perfeição/Eugenia, cujas perspectivas dos artigos aqui incluídos não vos decepcionarão. Nos momentos actuais, é uma lufada de ar fresco, um grito até, encontrar quem ou alguma coisa que se diferencie de outrem, dos demais. Ao buscar-se um materialismo oco, pensa-se, muitas vezes, que aí reside e viceja a Perfeição. Não se trata de uma Perfeição Histórica ou Mitológica, porque essa, na minha opinião, é uma outra linguagem. Muitos indivíduos associam a Perfeição ao caminho que todos deviam pretender pisar para as suas vidas. Será isto uma verdade essencial ou um mecanismo tido como convencionalizado e funcionando do jeito:

se tu queres Perfeição, eu também quero! Devemos entender o caminho da Perfeição como copiar uns aos outros? Dentro do Satanismo, viver-se-á com os olhos presos numa obsessão de Perfeição e/ou num tabuleiro metalinguístico de Eugenia? Vejamos as respostas ao longo das muitas linhas enriquecedoras de texto, nesta edição!

Na presente edição, não contamos com nenhuma entrevista. No entanto, temos alguns pares de artigos deveras pertinentes dos nossos colaboradores e aconselho a leitura de todos, sem excepção! Todavia, permitam-me destacar o artigo do Bruno Miguel Resende para a terceira parte do seu “Santo Orifício”, bem como o artigo de Charles Sangnoir sobre a História que se repete e com esta a estupidez maciça e, finalmente, o artigo de Júlio Mendes Rodrigo que vai beber a palavras de Ovídio.

Um projecto de vida é uma soma de tentativas, de empenho e vitórias a par/depois de suor, sangue e lágrimas. Um Caminho que deve concretizar-se em si mesmo, não precisando de qualquer tonalidade da dita Perfeição. Recriando ou imitando tantas outras coisas ou situações na vida, há um momento para entender a chegada do término de uma grande projecto. Um Caminho. Um Projecto. E este Caminho, este Projecto, é a “Infernus”! Há uma voz que se subleva para que se entenda que tudo isto foi profícuo até esta etapa e que a vontade é, agora, de terminar. Essa voz é o nosso Epílogo, na certeza de que há um “momento-chave” para si mesmo que é este. Incluir, fechar, acondicionar tudo, um Projecto que nasceu, cresceu e entendeu o seu papel como cumprido.

É, portanto, este editorial que serve para anunciar, uma anunciação terrena e poderosa, que a presente edição é a penúltima e, por conseguinte, a próxima edição será a última da “Infernus”, cuja data de nascimento será em pleno *Halloween*.

Com rigor e com uma enorme fervência, anuncio a proximidade do estrondoso Epílogo!

Boas leituras!

Até ao Equinócio de Outono!

ÍNDICE

Cada Homem é Eugenia ----- 4
Mosath

A Santíssima Trindade ----- 12
José Macedo Silva

Santo Orifício (parte 2) ----- 14
BM Resende

Perfeito, Perfeito é Viver ----- 24
Lupum

PimPerfeição ----- 26
Naive

Eugenia e Perfeição Satânica ----- 28
Vitor V.

Flanqueada oolítica ----- 31
Luísa Demétrio Raposo
Fátima Vale

Primo Posthuman: de artificialis natura ----- 32
Júlio Mendes Rodrigo

O Trilho Perdido ----- 36
Metzli

O síndrome de Prometeu ----- 38
Adamastor

A sobrevivência dos mais aptos ----- 40
Charles Sangnoir

Metendo os pés na boca ----- 41
Fátima Vale

Belial em San Francisco ----- 42
Mosath



Cada Homem é Eugenia

Mosath

A língua como a vida sofre mutações, as quais podem ser reparadas mais ou menos conscientemente por cada um dos falantes.

Neste número da *Infernus*, coloquei-me a reflectir sobre a temática Perfeição e Eugénia. Disto, resultou a franca sensação de que, mais do que olhar a questão do corpo ou mente, mais do que atender a raças, a etnias, a sangues, interessa-me abordar a temática pelo lado da língua; portuguesa, note-se. A língua é o sangue da magia social, um código satânico, pelo que, sem raças, olhemos à autenticidade que cada um deve e pode respirar, por sermos Homem.

Recentemente, assisti a uma palestra sobre sistemas políticos, na qual foi abordado o nazismo. A revista “*Nneues Vvolk*” foi referida como tendo sido um dos braços propagandistas da visão de superioridade da raça ariana, realçando o que é que levava a uma eugénia no mundo. Sangue ariano, ideais disto e daquilo. A mim não interessam tais interesses, permitam-me o uso desenfreado da linguagem nestes termos, porque só sinto a eugénia neste caso da língua. De resto, cada Homem é a sua própria raça e o que me orienta é um sentir satânico, no mínimo, deste. O código genético a trabalhar, a ver em crescendo e em transmutação, é o da língua, não desta ou daquela nacionalidade. O Homem deve ser língua e a eugénia da mesma.

A eugénia da nossa língua portuguesa deve ser, então, a ênfase no seu código genético. Podemos entender que as mudanças na língua são normais, mas vamos procurar adequar mudança a espírito crítico e, por conseguinte, proceder à alteração no ADN com cuidado e excelência; não somente mudar, importa aperfeiçoar. A perfeição não é atingida, mas é da responsabilidade de cada um olhar pelo melhoramento deste tecido genético da língua. Vemos, rapidamente, que o português de um escritor como Mía Couto – de nacionalidade moçambicana – é diferente do português de um escritor de nacionalidade portuguesa. Tal facto é fascinante, mas não se deve cair na estupidez de querermos esmagar, subverter ou igualizar os dois tipos de português. Porquê? A língua portuguesa é um corpo de braços, um polvo, um polvo humano, e é fundamental vermos as singularidades de cada um desses braços, de modo a notar quais é que podem, à luz de eugénia linguística, engrandecer a voz dos falantes. Pelas

diferenças, pelas singularidades, podemos aprender muito, sem que as rasuremos ou apaguemos; são assim, logo que existam. Simplesmente, podemos introduzir, no plano do corpo linguístico do português, ora o melhor de um dos braços, ora o de outro, conseguindo uma riqueza natural e circunstancial, para não mencionar histórica. Ao melhorarmos o ADN em determinados pontos, em determinadas minúcias, estaremos, proporcionalmente, a melhorar a comunicação, as relações sociais, assim como a seguir para o caminho desejado: a língua espelho da força do Homem.

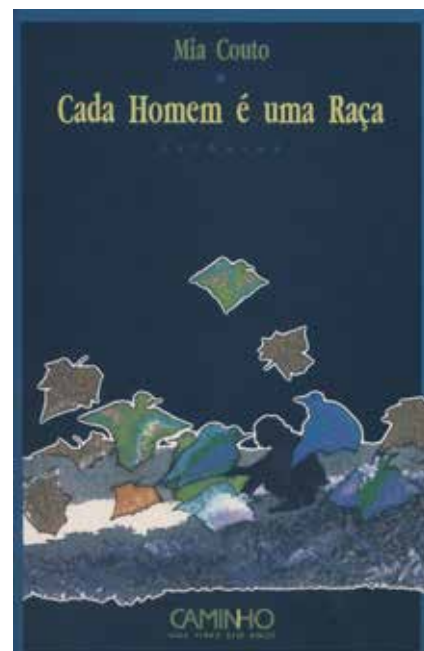
Procedo a um resumo/comentário ao livro “*Cada Homem é uma Raça*”, de Mía Couto. Procedi à sua leitura, através da sua 3ª edição, a qual data de Julho de 1994. Tendo sido publicado pela Editorial Caminho, este livro é composto por 11 contos e antes do primeiro encontramos uma epígrafe. Sirvo-me de tal jornada, a fim de fazer sobressair a beleza da escrita de um autor moçambicano que respira o português, de reflectir sobre aspectos que são diferentes no português do autor e no português de Portugal, assim como tentar acordar vigores linguísticos: as peças estão sempre ao nosso melhor dispor para a construção melhor!

O primeiro dos contos intitula-se “*A Rosa Caramela*”.

Trata-se de um conto simples, no qual nos é apresentada a escrita envolvente e límpida do escritor e é uma narrativa que tem tudo que ver com vivências africanas. Há, portanto, uma mulher velha com esse nome, Rosa Caramela, que vive sozinha, praticamente, desde pequena. O conto empurra as nossas percepções para o assunto da paixão. Rosa mora num casebre paupérrimo, ela é marreca e vive – ou sobrevive – sem sustento...

Apesar de marreca, sabemos que o seu rosto é belo. As pessoas viam-na a falar para as estátuas dos jardins, as quais limpava e procurava estimar, e achavam de mais aquele comportamento dela. Durante o dia, as pessoas esquecem-na, mas à noite podem observar a sua figura torta. Num comportamento de sonho e mais do que isso, até, Rosa Caramela suplicava às estátuas para que se livrassem da pedra.

Aos Domingos, não é avistada, já que os jardins que adora ficam cheios de gente. Aqui, realça-se o comportamento próprio de quem vive isolado de tudo e de todos. Da Rosa Caramela era conhecida a triste história do noivo que nunca veio ao casamento e, assim, o seu sonho de festa dilui-se na teimosia do noivo



não ter desejado cerimónias. Sendo história triste ou não, o relevante é que se diz que a mesma não passava de ilusão da própria Rosa. Sem noivo em nenhum momento, Rosa a não ter sido, alguma vez, namorada. A Rosa Caramela acabou por ser internada por acreditar nessas suas razões de tristeza, se bem que de internamento pouco experimentou, visto que se mantinha sozinha, perdida e sem nunca ter engolido qualquer medicação.

Após ter alta, enamorou-se das estátuas de pedra. A sua preferida era a do pequeno jardim, monumento de um colonial. Apesar de tanta atenção prestada pela Rosa, todo aquele cenário era somente de um amor sem correspondência.

O narrador, autodiegético, deste conto diz que, da sua varanda, avistava a mulher enamorada pela estátua. O pai do narrador também a via frequentemente, mas fazia-o calado, como alguém que encerra em si ideias e pensamentos pesados. O tio do narrador troçava da Rosa, todos riam, menos o pai do narrador. O pai é um comodista, na sua velha cadeira sem levar a avante nada. Diga-se que, praticamente, a única coisa que fazia era alugar os próprios sapatos a quem quisesse ir aos jogos aos Domingos. Lemos, de resto, sobre as suas acções e os seus movimentos, realizados a muito custo. O pai do narrador é pesaroso no seu coração.

Posteriormente, lemos que é a mãe do narrador quem «mete os pés à vida». No bazar, de manhã, na sua banca a sua cara «gorda de tristes silêncios». A mãe pouco parava em casa, portanto, e o pouco que dela se ouvia era à noite, a ralar com a preguiça do marido.

Numa escrita serena, realçando o re-



alismo dos gestos, é-nos descrita a vida no pequeno bairro.

Certo dia, chegou a notícia de que a Rosa Caramela tinha sido presa. O seu delito tinha sido o de venerar um colonialista, não lhe sendo perdoado o saudosismo ao passado. A loucura da marreca escondia razões políticas, diziam, por se ter oposto ao derrubamento da estátua. Uma ideia muito bonita que o escritor tenta passar é a de que a ausência da Rosa, após o seu enclausuramento, veio a provar o quão importante a sua figura era na paisagem do bairro, das cores.

Todavia, um dia, chegam notícias dela, através do tio do narrador, que regressa de um funeral. À mesa e acompanhado de cerveja, o pai, que bebia apenas a espuma da cerveja, pergunta se o enterro estivera repleto de gente. O tio conta-lhe sobre a enchente a despedir-

-se do enfermeiro, o qual se pendurara para acabar com a própria vida. Motivo: mulheres. Se foi realmente por isso, ao pai do narrador e ao tio doía não o facto, mas o motivo. Enquanto o tio se livrava da terra do cemitério que trouxera nos sapatos, contou como surgiu a Rosa Caramela.

A cerimónia decorria, o padre rezava. O pai do narrador, atónito, interrompe o seu irmão, perguntando-lhe como saía a Rosa da prisão. O tio do narrador responde que tinham concedido à Rosa amnistia, porque, na realidade, o seu crime mais grave é o de ser louca.

A Rosa Caramela, de preto, tinha entrado no cemitério e começara a espriear as covas, as sepulturas. O tio contava ao pai do narrador que aquilo não era um comportamento normal – só mesmo a Rosa –, porque todos que ao cemitério vão, não se demoram a olhar para as

existências tétricas. Depois, começou a cantar e, quando já todos os presentes a fixavam, começou a despir-se. Ninguém reagiu. Nua, avançou até à campa daquele que foi a enterrar e atirou as suas roupas para o buraco. O tio do narrador conta que a multidão recuou, receosa, e ouviu-se a marreca dizer que as roupas seriam úteis ao morto, o qual havia também de se tornar pedra. Em voz alta, perguntava se daquele morto já podia então gostar ou se era proibida, tal-qualmente, de gostar de quem não era mais pertence «dos tempos».

O pai do narrador não acredita na história que o seu irmão contou, no entanto, a mesma é autêntica. Após a intolerância para aceitar a história, os movimentos do pai do narrador deixaram de ser lentos para se tornarem bruscos. Um copo partido, vidrinhos pelo chão, a mudança...

Nessa noite, o narrador não consegue adormecer, daí que vai até ao jardim e começa a admirar a estátua do colono, arrancada; não retirada plenamente. Começa a tecer sentimentos pela estátua do barbudo, cuja aparência não era das mais limpas, ao mesmo tempo que a Rosa Caramela aparece.

Gelado, imóvel, o narrador cheio de superstições: Rosa torná-lo-ia em estátua? A Rosa não pára no jardim, senta-se nas escadinhas que existem na casa do narrador e, em posturas de tristeza e ruína, parecia que ela própria se tornava em estátua.

Num momento de beleza, quicá poética, o pai do narrador acerca-se de Rosa e toca-lhe nos cabelos. Sussurra: “«-Não chora, Rosa»”; “«-Sou eu, Rosa. Não lembra?»”. O narrador, com o coração aos pulos, aproxima-se dos dois e pôde ouvir uma voz que jamais do seu pai havia ouvido. Diz à marreca que ele é Juca, o seu noivo. O assombro imobiliza o narrador, os ramos cortavam-no, mas não o imobilizavam, de todo e, com a lua a brilhar naquele lugar, o pai do narrador e a marreca, a Rosa Caramela, partiram, noite adentro...

Este conto é realizado sob face popular, sem dúvida. Gostei de o ler, já que vi nele uma ponte para muitas das vidas que conheço à minha volta. Pessoas que desistem dos seus amores, das suas paixões e tornam-se numa qualquer coisa que vive em torpor. Vivem assim até ao momento em que algo os abana por dentro e os permite a recuperar ou, pelo menos, tentar recuperar o que largaram lá atrás. Nota-se muito a ausência da conjunção “que” na construção de frases que, no nosso português de Portugal, é útil e recorrente, bem como dos clíticos em perguntas: exemplo “«não lembra?»”. Em português de Portugal,



colocar-se-ia ou um “se” ou um “te”, por exemplo.

Ao nível do léxico, há vocábulos que facilmente se reconhecem como de própria utilização moçambicana/africana e a posição dos mesmos nas frases faz a posição sintáctica ser variável e peculiar.

O segundo conto intitula-se “O apocalipse privado do tio Geguê”.

Trata-se de uma narrativa maior do que a anterior e na qual temos presente a ideia de um homem encerrar em si vários homens. Temos, novamente, um narrador autodiegético, mas neste caso o mesmo possui, tenta, um ponto de vista mais interior de si próprio e do seu tio.

As coisas estão sempre a tempo de mudar e os caminhos do homem são preenchidos de esperança.

Através deste conceito, temos um início existencial, reflectido, no qual a voz narrativa discorre acerca do seu tio Geguê (um nome que me transmite imagens africanas e faz criar uma grande empatia com a leitura da sua personagem), o único ser que o aparou desde o início. Ao seu sobrinho, Geguê ensinara os minimalismos da vida e isto tem muito a ver com as visões do povo africano quanto à educação dos seus pequenos.

Neste conto, a personagem do tio é-nos exposta como sendo mais imaginativo do que sério. Um acontecimento que revela bem a natureza do tio e das circunstâncias é aquele em que ele traz uma bota e explica a importância da mesma, exaltando-se até à hora de ir dormir. O sono parecia não chegar e a febre sentida pela voz da narrativa, o sobrinho, trouxe um sonho, no qual a mãe solicita bom comportamento e esse doce apelo faz com que o narrador deseje ser levado por ela. O tio Geguê desaparece numa noite para deitar fora a bota, histórica, mas demora a regressar e acompanhamos no narrador o crescendo do sentimento de perda.

Quando o tio regressa, faz parte das milícias, adornado com uma braçadeira vermelha. O narrador questiona quais são os motivos para que o tio faça parte da facção revolucionária. O tio Geguê tinha sido convidado para as milícias, mas integrou-se nelas, sobretudo, por se sentir farto da vida de posição pequena que ocupava, desde sempre. O treino militar fatiga-o e apenas se vê capaz de marchar; nem sequer aprendia a disparar uma arma, por exemplo.

Uma noite, volta de rastos para casa e, deitando-se de farda posta, pede ao sobrinho um chá, porém o tio adormece durante a espera. O narrador-sobrinho deita-se e observa nas sombras da quietude a silhueta feminina que se aproxi-



*“...iria ter que roubar
as galinhas da tia
Carolina e iria deitar
fogo. A ideia era a de
provocar medo nas
pessoas;”*



ma do tio. A silhueta pergunta de quem se trata, aquele que dorme, e aquele que a vê. Inicialmente, o narrador-sobrinho desconfia de que a mulher é a mãe, mas seguidamente nota a juventude daquele rosto, logo não passaria de uma mulher, jovem como ele. O tio, mais tarde, avisa o sobrinho de que Zabelani, aquela menina também sua sobrinha, iria trazer-lhe confusões. Num passeio a dois pelos campos, a menina pediu ao sobrinho do Geguê para que lhe mostrasse o rio e, nesse tranquilo momento, a saía dela cai...

Chegados a casa, o tio manda a menina arrumar as suas tralhas para ir embora e repreende o sobrinho por ter sido fraco perante uma mulher. No meio de zangas e choros, o tio balbucia uma frase inquieta, em que o trabalho seria uma coisa complexa, a única, aliás, coisa infinita.

O tio, na manhã seguinte, começa a ensinar o sobrinho umas lições de desenrasque na vida: iria ter que roubar as galinhas da tia Carolina e iria deitar fogo. A ideia era a de provocar medo nas pessoas; criar alguma coisa ou sensação nas pessoas, as quais, no geral, já nem viviam à espera de alguma coisa. Amedrontado e sem certezas, o sobrinho lá realizou as acções e maldades, surpreendendo-se por, ao se deitar, não sentir senão orgulho. Não cheirava arrependimento e perante a pergunta do sobrinho de onde estaria a sua consciência, o tio responde que não havia bondosos no mundo, havia, simplesmente, maldosos com preguiça, em torpor, à espera de se soltarem desse sono.

O amor era, concretamente, uma zona terrestre em que o narrador parecia não ter direito a pisar, mas o tio ensina-lhe que o amor é coisa que enfraquece os homens, portanto dá-lhe uma espingarda para as mãos e com ela o sobrinho passou a, além de continuar os roubos, controlar e a castigar as pessoas a seu belo prazer! As pessoas queixavam-se

da ausência de leis e entristeciam-se com a perdição do quotidiano. Há a pergunta «por que é que lutamos, afinal?». Nada vale a pena.

Chegou um dia em que o sobrinho, assistindo divertido à apanha de um tipo de peixe que anda pelo lodo, viu surgir a bota que o tio deitara fora. Seria um sinal concreto, inegável, aquele da bota abandonada, para algo mais.

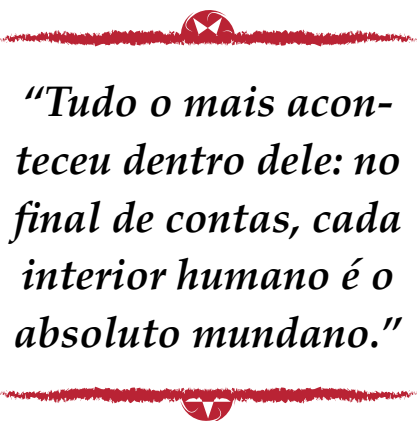
A uma dada altura, o tio pergunta ao sobrinho se este se tornara num assassino como outros que apareceram, já que lhe tinha chegado aos ouvidos de que o avistaram – ao sobrinho – a remexer numa zona lodosa, onde alguns deixavam cadáveres. O sobrinho responde ao tio que tinha estado a desenterrar a bota. Admiradíssimo, Geguê pede ao sobrinho para que este esquecesse «o lixo» e o sobrinho prometeu esquecê-lo.

O sobrinho, receoso de que a Zabelani pudesse ser levada pelos bandidos/assassinos, acaba por perguntar ao tio onde é que era a casa, na qual a rapariga se encontraria. Lemos discussões e teimosias masculinas. O tio cede, por fim, elogiando o seu obstinado rapaz... Ddá-lhe a morada e uma arma com balas.

O sobrinho chega à morada desejada e os vizinhos comentam que a menina tinha sido levada na noite anterior; os comentários eram de que a menina saía de braços abertos para quem a foi buscar, logo havia de ser um amigo ou familiar. O narrador volta para casa, desconsolado, passa pelo pântano, onde dormia a bota, e dirige-se para o quintal. Cai o escuro da noite, no momento em que para na entrada de casa, gritando pelo tio. Este apareceu, lentamente...

A sua silhueta entre o escuro e a luz. Mal o sobrinho lhe aponta a arma, o tio Geguê roga com vontade e humildade para que disparasse. O sobrinho chorava e visualizava mentalmente os tempos com o seu tio, o apoio e as coisas que dele, somente dele, recebera. No que existiu depois disso, só a dúvida restou: a bala terá sido disparada e matado o tio? O conto pretende que isso não se torne a questão essencial ou a resposta. Tudo o mais aconteceu dentro dele: no final de contas, cada interior humano é o absoluto mundano. O ter disparado sobre um tempo, um conjunto de relações humanas e familiares, um ninho de valores, e dele ter saltado é que verdadeiramente importava conservar, no conto.

Esta é uma narrativa que toca na temática da ruptura de gerações. Há, no autor, a tendência para omitir determinantes artigos, para colocar clíticos antes do verbo – o fenómeno da próclise – e para manusear adjectivos com morfemas diferentes do nosso português de



“Tudo o mais aconteceu dentro dele: no final de contas, cada interior humano é o absoluto mundano.”

Portugal, dir-se-ia, usa outros adjectivos que não os nossos.

O terceiro conto do livro “Cada Homem é uma Raça” é “Rosalinda, A Nenhumas”.

Trata-se de um pequeno conto, no qual uma mulher visita o seu falecido marido no cemitério. A mulher sempre se sentiu afastada do seu próprio homem, enquanto este vivia, já que ele ia ter e estar, várias vezes, com outras mulheres. Nessas alturas, a própria mulher ajudava-o a vestir-se e a arranjar-se para as outras mulheres. Na perspectiva dela, já que ele ia, ao menos ia cuidado; uma espécie de orgulho de esposa. Contudo, ali a jazer no cemitério era, plena e finalmente, da sua esposa. Estamos perante um narrador de terceira pessoa, com um ponto de vista exterior.

Numa certa tarde, uma mulher veio visitar a campa do marido da tal viúva, enquanto esta assistia à cena completa ao longe. Novamente, a sentir que estava a ser deixada para trás e a partilhar o seu marido, até mesmo depois deste estar morto, a viúva troca as lápides, a fim de que a outra mulher, na próxima visita, passe a debruçar-se na campa de outra pessoa que não a do marido da viúva. Deste modo, a viúva pôde sentir-se novamente feliz, a invocar a graça do seu marido, sozinha, e a cuidar do que era pertença do seu coração.

Traça-se, neste conto, um minúsculo risco sobre a imagem da mulher que é totalmente submissa ao marido, que vive em função, inclusive, dos caprichos deste e que, independentemente de tudo isso, é como se guardasse a ternura e o amor numa espécie de espaço secreto do coração, vendo ou até inventando um lado positivo, que os homens não conseguiriam compreender, mesmo que esse espaço se lhes tombasse aos pés.

Um conto sobre o amor em pleno desempenho e sobre a forte ausência dos que partem de nós, mas ficam connosco; moram em nós!



O quarto conto é “O embondeiro que sonhava pássaros”.

Este conto possui um narrador em terceira pessoa e está escrito num tom de fantasia. Existe no mesmo um grande conteúdo de parábola, figuras de estilo e mensagens de variados tons. Faço questão de retirar alguns exemplos do que, acima, refiro.

O vendedor de pássaros começou a ser uma dor de cabeça para os chefes de família, visto que as crianças gostavam dele e das suas extravagâncias. O vendedor de pássaros, no conto, é tratado por «passarinheiro», o que faz pensar num homem que é quase uma extensão dos pássaros ou vice-versa. Mesmo após os homens da povoação terem batido no vendedor de pássaros, este, como que numa atitude genuína e fantástica, “«ajeitou a harmónica, tentou soprar. Mas recuou da intenção com um esgar. – Me bateram muito-muito na boca. É muitas pena, senão havia de tocar.»” É engraçado pensar numa pessoa que reage assim após ser violentamente agredido. Por ironia, por paradoxo, por castigo sobrenatural, até, à má conduta dos homens da povoação, o menino que mais gostava do vendedor de pássaros – Tiago – é quem acaba por ter pior destino: escondido no esconderijo daquele em quem os homens bateram, não viu ou percebeu do fogo que lhe foi lançado. Este conto, para provar a sua originalidade estética e literária, termina da seguinte forma:

As tochas se chegaram ao tronco, o fogo namorou as velhas cascas. Dentro, o menino desatara um sonho: seus cabe-

los se figuravam pequenitas folhas, pernas e braços se madeiravam. Os dedos, lenhosos, minhocavam a terra. O menino transitava de reino: arvorejado, em estado de consentida impossibilidade. E do sonâmbulo embondeiro subiam as mãos do passarinho. Tocavam as flores, as corolas se envolviam: nasciam espantosos pássaros e soltavam-se, petalados, sobre a crista das chamas. As chamas? De onde chegavam elas, excedendo a lonjura do sonho? Foi quando Tiago sentiu a ferida das labaredas, a sedução da cinza. Então, o menino, aprendiz da seiva, se emigrou inteiro para as suas recentes raízes.

O quinto conto dá pelo nome de “A princesa russa”.

Neste conto, voltamos a ter um narrador autodiegético. Somos presenteados com uma narrativa fascinante e que assenta no fenómeno das terras africanas governadas por Senhores da riqueza Europeia, de outros tempos.

Esta nossa personagem de narrador é um criado preto que vai confessar a um padre a história da princesa russa, história na qual teve protagonismo directo e achava-se na obrigação de confessar os seus pecados daquela história.

Este criado tinha sido o encarregado-geral da casa do casal russo, da princesa russa e do seu marido Júri. Somos, ao longo da leitura deste conto, confrontados com a realidade de uma casa farta e agradável, mas, dir-se-ia, decorada praticamente pelos silêncios e pelas dores da princesa. O casal, assim como era



espectável, tinha vindo para aquela região à procura de ouro e comprara uma mina.

É um conto que testemunha uma vertiginosa subida da paixão. A princesa morre, com ela morre a vontade do criado preto de viver. Felizmente, não coloca fim à sua própria vida e assim pode confessar ao padre esta vontade de rever a princesa, que não chegou a ser sua, e de ver novamente as marcas dos passos dela ao lado das marcas dos seus.

Destaco, primeiramente, aqui, já que o restante é em muito semelhante às diferenças que enuncio noutros contos anteriores, a forma como a personagem da princesa russa tenta falar o português: “«- Afinhal, vaciê vive aqui?»”. É muito agradável ver isto, porque nota-se que um estrangeiro procurava, ainda, arranhar no português, ao invés, de como é mais recorrente, usar o inglês. No tempo da história e do discurso, ainda não o era.

Temos, também, alguns vocábulos africanos com o seu respectivo significado, ao longo da narrativa. Exemplos: “cubata” é um pequeno quarto onde se alojavam os empregados domésticos; “cabedula” são calções; “compound” é dormitório, camarata (esta palavra possui uma fonética mais anglo-saxónica, a meu ver). Há uma palavra, “moleques”, que pensava eu ser o único vocábulo que conseguiria saber o seu significado sem ter que ler a descrição, mas enganei-me. Significa empregado doméstico e eu pensava que significava, por familiaridade para com a palavra, rapaz franzino, pequeno.

O sexto conto intitula-se “O pescador cego”.

Aqui, temos um conto pequeno, onde é contada a história dramática de um pescador, bem como a forma pela qual perde os seus olhos. Esse pescador, em dever de profissão e sustento familiar, faz-se ao mar nobremente. Porém, o homem perde-se do seu caminho, a braços com dificuldades nunca antes encontradas. O narrador é uma terceira pessoa, com o ponto de vista também interior da personagem do pescador.

O pescador, sozinho na imensidão, acaba por arrancar os seus olhos por ter fome e para poder ter isco para os peixes, que o vão mantendo vivo. Quando regressa a casa, num modo prodigioso, encerra-se num retraimento que parece esmagá-lo, sem nada fazer, a vegetar, ao mesmo tempo que a sua mulher afirma querer ir pescar no lugar dele; o pescador recusa, dono de si, como que dono da mulher. Ao não mais voltar à vida do mar, o pescador cego passou a ser vis-

“O pescador, sozinho na imensidão, acaba por arrancar os seus olhos por ter fome e para poder ter isco para os peixes, que o vão mantendo vivo.”

to todas as manhãs, na praia, a apalpar as ondas em busca daquilo que ao seu rosto faltava, num gesto de remexer nos despojos que o mar lhe trazia...

Este conto possui a força de uma mensagem de luta perante as adversidades e mesmo quando tudo parece perdido, irremediavelmente. Por vezes, perdemos coisas e/ou materiais e é como que essas mesmas coisas e esses mesmos materiais nos sugassem a vida. É com contos desta natureza que, por fim, confrontamos as nossas prioridades, vemos melhor as essencialidades da vida e ganhamos outras visões para uma mesma problemática.

A mensagem deste conto, parece-me, é a de evoluir, adaptar, as falhas inesperadas aos recintos de sempre.

O sétimo conto tem como título “O ex-futuro padre a sua pré-viúva”.

O sétimo conto do livro “Cada Homem é uma Raça” é uma história com feitiços de amor. Diz respeito a um casamento forçado. Uma mulher que é desejada por todos os homens, mas só vê um único: Benjamim. Aqui, temos um narrador em terceira pessoa.

Neste conto, verifico uma outra diferença de português. Mía Couto escreve, a dada altura, “«E, afinal, a grávida dela não se consumou»”; “«Anabela desbarrigou-se»”. Usamos, no português de Portugal, o nome gravidez – é como se não se verificasse uma marca definida de nome feminino – e não o nome “grávida”, que usamos só para qualificar ou adjectivar o estado de gravidez de uma mulher.

Há também mais vocábulos africanos com a sua designação, ao longo do texto. Um deles é “chissila” que significa mau-olhado e um outro é “cushe-cushe” que significa feitiço. No caso deste último, é notória a ligação de uma palavra à herança e tradição oral, próprias da cul-

tura dos países africanos, como se não estivéssemos a pronunciar uma palavra, mas, quase, o seu contexto, significado.

Há uma frase que me transmite a ideia de ser recorrente no português moçambicano/africano que é “Nada não houve”. Todavia, analisando-a bem, tendo a achar que a mesma se contradiz na sua própria sintaxe/lógica. Se dissermos apenas “Nada houve”, temos uma melhor representação do/ao que é pretendido. O título do conto, por outro lado, parece de estranho e improvável entendimento, mas a leitura plena deste conto dá-nos um entendimento evidente do mesmo; é um título muito inteligente.

O oitavo conto intitula-se “Mulher de mim”.

Trata-se de um conto pequeno, no qual temos um homem deitado, em torpor, que aguarda uma morte, não a morte, mas o Inverno. O narrador é autodiegético e possui muita vertente introspectiva. É visitado por uma mulher no seu quarto, onde trocam carícias. Ele resiste a ir mais longe na troca de carícias, pela lenda do seu povo, a que diz que seria um fraco, se se entregasse assim. A lua assiste, é mais como uma presença figurativa, representativa. A mulher acaba por sair do quarto, prometendo voltar. Depois, tudo o que fica é o despertar e com ele vem outras e novas concepções do mundo. O Sonho, o mundo dos sonhos, resiste, teima em não abandonar esse homem.

“«A mulher de mim»”, expressão que surge na narrativa, para mim, é a mais limada metáfora de uma mulher que nem vem buscá-lo nem resgatá-lo, mas sim completá-lo, guiá-lo pelas noites, pelos dias. É isto sim, é uma analogia bastante conseguida, na explicação de uma mulher que é o Sonho e é ela quem serve para nos fortalecer.

Depois da leitura deste conto, que tece muitas ligações entre o mundo dos sonhos e a realidade vívida e as complexidades das coisas mundanas, tenho que declarar que este homem é como se fosse cada um de nós. Essa mulher, a Utopia, o mundo dos sonhos, que procura enrolar-nos, porém é nosso dever acariciá-la, apenas; se a consumarmos realmente, deixamos de viver correctamente a realidade, as realidades de olhos abertos.

De seguida, chega-nos o nono conto, o qual se intitula de “A lenda da noiva e do forasteiro”.

Este conto tem um narrador em terceira pessoa e que acompanha e relata os acontecimentos, exteriormente. No conto, um forasteiro amedronta uma tribo. Esse forasteiro percorre os cami-



nhos, ao cair da noite, com o seu cão. Após mortes, desaparecimentos e manifestações de medo, a tribo começa a pensar que ele, o forasteiro, é um antigo guerreiro zulu, autor de várias matanças. Na tentativa de solucionarem o problema, a tribo incita a que uma noiva se despeça do seu noivo para ir ter com o forasteiro e possa neutralizá-lo, através da arte do amor. Conheciam-no como a última arma para combater, o amor. E o único valor do mundo e das aldeias e do Homem. Contrariado, o noivo lá permite a que sua noiva parta...

Receios, emoções de perda, despedida aos sons da aldeia.

Haverá quem diga que ouviu o cão do forasteiro a trespassar a carne da noiva, haverá quem diga que ouviu tambores, enquanto a noiva dançava e haverá quem diga que ouviu o forasteiro a tomar a noiva, esgotada e líquida dos/nos

seus suores e cansaços.

Um dia, cansado de tanto esperar pelo regresso, o noivo decide partir em resgate da sua noiva. Leva uma faca grande para matar o forasteiro. Vê-o ao pé de um poço e espeta-lhe a faca, vezes sem conta. Aparecem aldeões para agradecerem ao noivo, mas a única coisa de que ele queria saber era da sua noiva. Silêncios. Caminha até encontrá-la. A sua noiva encontrava-se a chorar junto à morada do falecido forasteiro, porque ela passou a amar aquele homem que, embora assassino, era um homem de bondades, aprendera a imensidão das coisas e procurou por um local isolado, a fim de o preservar do tempo e da ruína que o mesmo impõe. E, deste modo, o noivo regressa aos seus; o seu sonho destronado, aliás, sem sonhos dentro de si, apenas o caminho e as casas ao longe o atraíam...

No nono conto, realço, somente, o uso de adjectivos de modo peculiar, em determinados pontos. É o caso de "luaminoso". Através de um nível de criatividade da língua, o escritor consegue passar uma ideia de lua ou luar com uma grande luminosidade. Este processo é recorrente na escrita de Mia Couto, neste livro. Mais uma diferença de português.

O décimo conto tem o título "Sidney Poitier na barbearia de Firipe Beruberu Império: em pé, rio a bandeiras despregadas".

Este conto é um dos maiores do livro. Encerra um narrador em terceira pessoa, com um ponto de vista exterior dos acontecimentos. Existe uma complexidade de conflitos entre as personagens, as quais se convergem sempre ao mesmo ponto: a barbearia.

Temos um barbeiro que gostava de fazer conversa com todos os clientes, dir-se-ia, uma arma para o sucesso neste negócio. Se algum dos seus clientes adormecesse, o barbeiro Firipe cobrava mais 5\$. Proclamava ser o maior dos barbeiros e munia-se da "mais-valia" de que "«até cabelo de branco»" já tinha cortado. Todavia, os seus clientes não acreditavam nessa "mais-valia" do barbeiro. Esse "«até cabelo de branco»" não era de algum português, mas sim de um americano. Quando chegou a vez de cortar o cabelo ao cliente Baba Afonso e este não acreditar na história, o barbeiro foi à rua e trouxe o velho Jaimão, que procurou confirmar, já combinado com o barbeiro, todos os pormenores da história. Na insistência e na impaciência da situação, lá permitem, os clientes, que a história seja tomada como certa.

Nesta barbearia, havia um ajudante, um rapaz novo e aleijado, que tenta desempenhar bem as suas tarefas. Uma das tarefas é apanhar bem os cabelos, de modo a que um pássaro em particular os não apanhe. É que, reza a lenda, ao cliente que o tal pássaro apanhe cabelo, não lhe crescerá mais nenhum na cabeça. O conto providencia-nos este detalhe para ilustrar que, talvez, o ajudante ande a desempenhar mal o seu papel, pois a clientela diminuirá.

Ao fim de cada dia, apareciam as reclamações, quer de clientes ausentes, quer de clientes presentes no momento, mas o barbeiro Firipe arranjava sempre desculpa ou via as problemáticas por um outro prisma. A dada altura, comenta com o ajudante que, porventura, ele anda a enterrar mal os cabelos dos clientes. Quando param de trabalhar, Firipe diz que, um dia, podia fechar o negócio, «fechar aquele negócio sem paredes», mal repara na caixa de madeira onde há





um bom dinheiro.

Após o serviço concluído, era também hora da passagem da vendedeira Rosinha. Firipe comenta ao ajudante o quão bonita ela é; o barbeiro ficava aberto até àquela hora, desconfiando de que era somente para a ver passar. Firipe sentia-se sozinho, já que tinha passado algum tempo desde que a sua mulher o deixara por outro. Um conto que igualmente foca a solidão sentida pelas pessoas.

Um dia, aparecem dois homens na barbearia. Um deles pede os documentos ao Firipe. Firipe entrega-os. Perguntam pela foto que teria do tal americano a quem cortara o cabelo. Firipe, assediado, revela que tudo era senão uma mentira, propaganda. É trazido àquela cena literária o velho Jaimão. Confuso com todas as pontas de história, Jaimão diz que o americano esteve realmente lá. Sendo oponentes, os americanos, os dois homens levaram o barbeiro, o velho Jaimão e o ajudante, Vivito. Passaram-se dias até que outros homens viessem arrancar, de facto, a tabuleta da barbearia, espantando-se ao verem que tudo ainda estava quieto. Aquela quietude parecia aguardar pelo regresso do seu barbeiro...

Há outras diferenças ou características neste português de Mia Couto. Uma palavra importante que destaca é a forma verbal “ventava”. Uma derivação do radical “vent” com o sufixo “ar”, “r” como marca de infinitivo (“ventar”); aqui, é a flexão do tempo verbal no Pretérito Imperfeito do Indicativo (vent + ava).

Uma outra importância é o facto de, a determinada altura do conto, o autor não usar a contracção “de” com “as” (“das”/“de” + “as”). Uma originalidade, igualmente, no campo das interjeições: há a interjeição “Uááá” para exprimir espanto.

Temos o vocábulo “milandos” que designa brigas, discussões, vocábulo que jamais tinha ouvido, e há um leque de nomes, cuja função é a de designar um sujeito pela sua posição social e também pela classe de um cidadão natural de Portugal. Vejamos: Mia Couto mostra-nos a palavra “mesire” que é usada como tratamento de respeito; a palavra “mezungo” que é para designar branco e senhor e, ainda, a palavra “xikaka”, a qual se refere a um colono, a um «português de categoria social dita inferior». Este tipo de tratamento diferenciado e, portanto, a existência de vários nomes é prova dos tempos da colonização.

O décimo primeiro conto – e último – tem como título “Os mastros do paralém”.

Este conto abre com a frase “«Só um

mundo novo nós queremos: o que tenha tudo de novo e nada de mundo»”. Esta frase contém uma essência niilista e é a chave para o entendimento da mensagem do conto: o recomeçar, a conquista de um novo mundo, a independência de. Existe um narrador em terceira pessoa.

Na acção deste conto, chove muito, muita chuva durante largos dias. Temos um guarda e os seus filhos, neste conto, além de um mulato, «um estrangeiro». Ao décimo sétimo dia de chuva, o mulato passa pela cabana do guarda e dos seus filhos. O aviso do guarda aos seus filhos era claro e rigoroso: não subirem, novamente, ao monte, o qual era conhecido por “paralém”. O mulato tinha-se encaminhado para lá. Era nesse local, além desse monte, que havia outros lugares, novos lugares para não serem pisados!



A filha do guarda engravida, mas diz que não foi por causa do intruso mulato. Nasce um menino e todos vivem em harmonia. O guarda costuma ir à noite ver a criança no berço. É partir desta altura que o filho do guarda começa a ir até às alturas, ao monte. Uma vez, o guarda foi à procura do filho e encontrou lá a Laura, a filha. Todos naquela região disseram que tinham visto a filha dele subir para lá e que um homem a forçou. O guarda perguntou se o homem era preto. Não.

O guarda juntou o episódio daquela subida ao da gravidez e deduziu que, afinal, sempre soubera que tinha sido o intruso mulato a engravidar a filha. No instante seguinte, agarra na catana e vai, decidido, matar o mulato. O mulato sobrevive.

Uma liberdade desejada.

As crianças, no fim do conto, estão no cimo do monte e podem ver o pomar a arder. Fogo. Liberdade. O fogo e a liberdade. Aquele era o fenómeno pelo qual aguardavam há muito tempo. Um novo ciclo. Uma nova bandeira. Aquele era o sol da noite deles. No/Do “paralém”.

Mais uma vez, uma narrativa com presença de novas palavras derivadas por sufixação, uma diferença quanto ao português de Portugal. “Fugista” e “aparecista”, por exemplo. Um outro pormenor a sublinhar é “«te peço uma ordem!»”. Primeiro, no modo imperativo no português de Portugal, é usado a forma verbal e depois o pronome clítico e, segundo, é com graça que reparo no emprego da forma verbal “pedir” com o nome “ordem”. Ora, se se trata de uma ordem, o “pedir” vem como que aligeirar toda a ideia da frase. Aliás, é discutível se é que não a neutraliza, de facto. Em português de Portugal, usar-se-á “dou-te uma ordem!”.


***“Nesta barbearia,
havia um ajudante,
um rapaz novo e
aleijado, que tenta
desempenhar bem as
suas tarefas. Uma
das tarefas é apanhar
bem os cabelos, de
modo a que um pássaro
em particular os
não apanhe.”***


Este livro de contos, nesta presente edição, termina com uma espécie de biografia minúscula ao escritor moçambicano: “«É caso para citar José Saramago, que anota que Mia Couto está a criar um português “subtilmente diferente, capaz de comunicar coisas novas”»”.

Terminado o resumo/comentário e para finalizar, as nossas cabeças, sim, por serem muitas, merecem atentar no facto de que há muitas coisas de que temos estado privados. A arrogância torna-se fraca, quando se considera que não há como inventar, reinventar ou reajustar palavras no seio da magia da comunicação. Atentemos: ao colocarmos o belo de um dos lados do português com o belo do outro, alternada e argumentadamente no ponto de vista da eficácia comunicativa, seja qual for a modalidade, conseguimos um ADN portentoso, numa língua que se quer a porta de desafio do Mundo. O alcance da língua é percebido em função da diferença e da mistura com a maior das inteligências, em vínculo de socialização e cooperação. Ao assimilarmos e rodarmos o/no melhor do português de Saramago e o/no de Mia Couto, por exemplo, atingiremos um estado de língua superior, desenvolvida num desenvolvimento em que os seus códigos genéticos dão resposta aos seus falantes de um modo que nunca acontecera. Sem facas! A eugenia da língua procura-se: basta ler e falar.



A Santíssima Trindade

José Macedo Silva



No preciso momento em que escrevo este artigo para a Infernus estou embriagado não apenas do ponto de vista metafórico como literalmente.

Decerto interrompo, aos olhos dos demais, com este hábito singelo de beber fora das refeições, o meu caminho para a perfeição, mas errar é humano, e também, quiçá, logo, uma forma filosófica de perfeição, porque só o Homem erra; só a ele lhe fora concedida a capacidade e permissão do erro, porque “condenado”.

Talvez faça jus às palavras epicuristas de Charles Baudelaire, que me embriague, seja como for, mas faça-o, e, como nos dizia numa escrita tão bela e poética, T.S. Eliot: “Vai, vai, vai disse a ave: O género humano não pode suportar muita realidade.”

Mas, o que é afinal isto da eugenia, do caminho para a perfeição!

Se abrirmos na página sessenta e quatro o dicionário filosófico de António Lobo ficámos a saber que a eugenia é o processo de corrigir a hereditariedade, ou seja, consiste na correcção dos factores hereditários por meio de selecção.

O termo eugenia foi criado por Francis Galton em 1883 e significa “bem nascido”, ou seja, no fundo é uma tentativa de melhorar as qualidades raciais do ser humano. A pureza racial invocada pelos alemães na era nazi apropriou-se do conceito, e, posso-vos confidenciar que aos olhos da dita moderna civilização do III Reich eu nunca poderia ter filhos, uma vez que, sendo filho de uma doente de Parkinson, seria castrado, pese embora ainda não se tenha, até hoje, encontrado o elo genético desta doença crónica do foro neurológico.

Factos pessoais à parte, a busca pela perfeição, a eugenia, quanto a mim - e posso-vos dizer que não só -, enferma de graves erros do ponto de vista ético, pois em mãos dúbias rotularia as pessoas por categorias diversas: os aptos e os inaptos, e aqui a pergunta: e se fosse o vosso filho, o inapto?

Para o bem e para o mal a eugenia de Galton, ou selecção artificial foi sendo racionalmente substituída pela genética mendeliana.

Mas agora perguntam: não és a favor da selecção natural? Sim, claro...

...“natural”, pois claro está, quer dizer, na perfeição natural!

Verificado que o homem vive num mundo circundante aberto a possíveis que constantemente o motivam, e como afirmava Edgar Morin, o homem é um conceito trinitário, vive um mundo físico-social, numa relação trípole: indivíduo - espécie - sociedade, onde nenhum elemento se poderá subordinar ao outro. E de que maneira?

Bem, se observarmos as características biológicas do Homem, concluímos que este se distingue dos seus mais próximos parentes, os macacos antropóides pela posição erecta, marcha vertical e um maior volume do cérebro. Aprendendo a deslocar-se no solo o Homem integrou-se num modo de vida em que para sobreviver necessitava obviamente de desenvolver, com a urgência possível de milhões de anos de evolução, o cérebro; a melhor de todas as “armas”.

A grosso modo o homínídeo distingue-se do chimpanzé, primeiro ainda não pelo peso do cérebro, mas sim pela marcha vertical, o que lhe permitirá, para além de caminhar sobre os pés libertar as mãos de todas as obrigações locomotoras, com a proeminência do polegar, o pequeno dedo que tornará a mão numa ferramenta com mais precisão, um verdadeiro instrumento de polivalência. Depois de libertada a mão, esta libertará o maxilar, e este a caixa craniana, e assim, esta (caixa craniana) alargará para albergar um cérebro mais amplo, mais capaz, racional.

Só que, a selecção natural, ou a busca da natureza pela perfeição dentro da equação - correcção anatómica/de-

seenvolvimento tecnológico/libertação craniana, só poderia resultar da intervenção de agentes externos de toda a ordem, interagindo entre si.

Esta fórmula obrigará a mutações genéticas, que realizam as extraordinárias transformações anatómicas.

A mudança do ecossistema, a floresta é substituída pela savana. Por sua vez a savana expõe demasiadamente o animal, e este tanto é presa como predador, vai daí, à utilização de armas defensivas e ofensivas, a construção de abrigos, e consequentemente a um desenvolvimento social, a comunidade, ou se se quiser a concepção do processo multidimensional de hominização, levando finalmente ao aparecimento do Homo sapiens.

Logo, a hominização, ou a evolução natural de uma espécie homínídea, a selecção natural da raça não se explicará apenas nos limites da evolução biológica, nem muito menos espiritual como afirmam os três monoteísmos, nem apenas sociocultural, mas como uma complexa morfogenia resultado de diversas interferências e selecções genéticas, ecológicas, sociais e culturais.

Em suma, a Santíssima Trindade natural (indivíduo, espécie, sociedade), não finalizam o caminho da perfeição, apenas levam a um outro com a socialização, o difícil caminho da falta, da necessidade, a insuficiência, ou seja, ao primeiro motor da evolução animal. E, é nesta conjugação de elementos, uns biológicos, outros sociais, culturais e ecológicos, que a natureza nos arrastou perfeitamente até aqui, hoje mesmo, três milhões de anos depois, numa perfeita busca eugénica natural de “o melhor dos Homens”.



Santo Orifício (parte 3)

BM Resende



exquisidor estevão

Meus grandessíssimos réus. Corja blasfema de cuspidores de esgoto por uma palinha. Humúnculos bípedes e assim por diante. Terão o privilégio de saciar a vossa fome com um presente de mim próprio e do carrasco jeremias com a benção dos deuses. Uma última vez. Nada mais escorregará nessas goelas pelicanas até que o exquisidor geral se encarregue das vossas flatulentas almas. Isto se tudo correr bem. Claro.

(O carrasco jeremias entra. Distribui malgas com farelo por todos. Senta-se na bilha com a sua malga.)

almerinda, a assoadeira

Posso parar de podar a ameixeira ou vão-me dar o farelo à boca?

exquisidor estevão

(De colher em riste.)

Podes parar.

(Almerinda, a assoadeira pousa o corta-unhas e pega na sua malga.)

exquisidor estevão

Ao meu sinal é comer até cair para o lado.

(Todos colocam a colher em riste.)

Esperem... Mais um pouco... E... Só mais um bocadinho...

almerinda, a assoadeira

Tenho a mão a tremer.

exquisidor estevão

Mais um pouquinho... E... Já!

(Todos se atiram ao farelo. Comem com prazer.)

exquisidor estevão

Que o doce farelo vos afague a tripa e vos console a mioleira no aquém e no além.

(Come.)

horácio, o defecador



É bem bom.

estefânia, a gemideira
Delicioso.

um cão com cinco cabeças
Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

almerinda, a assoadeira
Sabe a ameixa.

exquisidor estevão
Olha lá carrasco. Onde arranjaste o farelo?

carrasco jeremias
Era do meu avô. Levávamos farelo quando íamos à caça da abelha. Que os deuses o tenham no fumeiro divino.

exquisidor estevão
(Lambendo os dedos.)
É bem bom. E já deve ter uns anos não? Pela cor.

carrasco jeremias
Sim. Já tinha sido do meu bisavô. Passou de geração em geração e ainda dura. (Lambendo os dedos.)
Olha lá estevão. E agora que fazemos?

exquisidor estevão
Agora temos de esperar pelo exquisidor.

carrasco jeremias
Não és tu o exquisidor?

exquisidor estevão
Sou o exquisidor particular. Acima de mim está o exquisidor geral. Ele é que sabe o que se deve fazer com este pessoal.

horácio, o defecador
(Lambendo os dedos.)
Mas.

exquisidor estevão
Pouco barulho.

estefânia, a gemideira
(Lambendo os dedos.)
Ora.

exquisidor estevão
Caluda.

(O cão com cinco cabeças arrota. Silêncio.)

carrasco jeremias
E quando é que ele vem?

exquisidor estevão
Não faço a mínima ideia.

carrasco jeremias
Como é que ele é. Pode ser que veja alguém a andar por aí com ares de exquisidor genérico.

exquisidor estevão
Geral. Não sei. Nunca o vi.

carrasco jeremias
Então só ficamos aqui à espera dele?

exquisidor estevão
Exacto. Sabes como é o tempo nestas paragens. Não se dá pela passagem dele. Não se sabe se se está adiantado ou atrasado. E de um sítio a outro bem se pode levar uns dias.

carrasco jeremias
Dias? Ora foda-se. E o guito?

exquisidor estevão
Quando ele vier leva este maralhal e faz com ele o que bem entender. Passa-nos o cobre para as unhas e é só isso.

carrasco jeremias
Guito fácil. É pena poder demorar. Mas pelo carcanhol vale bem a pena. (Arrota.)
Estou cheio como uma porca prenha de um vaca que por sua vez está prenha de um mastodonte.

exquisidor estevão
Eu também. Isto incha. E só comi meia malga. (Olha em redor.)
Já desforraram a pança seus pelicanos rotos?

horácio, o defecador
A rebentar. E ainda tinha para mais dois repastos.

estefânia, a gemideira
Duas colheradas e fiquei satisfeita. Com mais uma começo a gemer.

um cão com cinco cabeças
Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

almerinda, a assoadeira
Parece que tenho uma ameixeira a nascer-me na barriga.

exquisidor estevão
Muito bem. (Levanta-se.)
Toda a gente tem sobras?

todos excepto o cão com cinco cabeças
Sim!

cão com cinco cabeças

“Estou cheio como uma porca prenha de um vaca que por sua vez está prenha de um mastodonte.”

(Em uníssono mas fora de tempo.)
Rouf!

exquisidor estevão
Todos preparados?

todos excepto o cão com cinco cabeças
Sim!

cão com cinco cabeças
(Em uníssono mas fora de tempo.)
Rouf...

exquisidor estevão
Ao meu sinal... Já!

(Horácio, o defecador; estefânia, a gemideira e o cão com cinco cabeças retiram as correntes. Desencadeia-se uma batalha com farelos. Todos atiram farelos uns aos outros entre riso e dança.)

exquisidor estevão
Chega! Todos aos seus lugares. (Sacode-se.)

(Horácio, o defecador; estefânia, a gemideira e o cão com cinco cabeças sacodem-se e voltam a colocar as correntes. Almerinda, a assoadeira sacode-se e volta ao suplício de podar a ameixeira.)

carrasco jeremias
(Cansado.)
Acertou-me umas valentes a almerinda. Acho que fiquei com uma moessa nas alforrecas. Devia ter pedras no meio dos farelos ou assim. (Sacode-se.)

exquisidor estevão
(Cansado.)
Calhaus são bons para fazer melhor a digestão. Mas olha que o cão é demoníaco. Enfiou-me a malga toda pelas cuecas abaixo. E só tem dois braços. (Sacode as pernas.)
Acho que já não sai. (Examina as cuecas.)
Colou. Que se lixe.



*“Já aviava uns copos
de água para depois
lhes lamber os re-
dondos. Ah! E com
faíscas nos olhos ao
ver os seios rasos da
beatriz. Oh! E babar
a água para cima dos
anúncios do jornal.
Hum! E assim por
diante.”*

(Senta-se.)
E não é que fiquei cansado?

carrasco jeremias
Estás com olheiras pelo meio da cara.

exquisidor estevão
Sério? Bem que sinto as persianas
moles.
(Boceja.)
Precisava de amornar uma soneca.
(Olha em redor.)

carrasco jeremias
Tu avia-te. Antes que a soneca te avie
a ti.

exquisidor estevão
É muito reboliço e pouco sono. Fica
de olho neste pessoal e vê se aparece al-
gum gajo com notas nas unhas a relam-
pejar e de traje suspeito tipo os que saem
nas caixas de cereais de pepino.

carrasco jeremias
Claro. Ronca à vontade que eu fico ao
leme.

exquisidor estevão
Vou procurar um lugar fofo para...
(Adormece onde está. Começa a ron-
car. O carrasco jeremias aproxima-se e
fecha-lhe a boca. Deixa de roncar.)

carrasco jeremias
(Canta.)
o mel escorre na aveia
ninguém lhe põe o nariz
mas eu topei-o ao longe
vi amarelo p'um triz

(Caimento de panos.)

a abelha zumbe nas flores
faz-me tangentes ao nariz
lambe o néctar e some
porque se sente feliz

(Levantamento de panos.)

exquisidor estevão
Que rica soneca!
(Espreguiça-se.)
Então jeremias? Tudo em ordem?

(O carrasco jeremias ronca. O exqui-
sidor estevão aproxima-se e fecha-lhe a
boca. Ele para de roncar.)

exquisidor estevão
Também mereces meu amigo. Tam-
bém mereces.
(Passa-lhe a mão delicadamente pelo
cabelo.)
Almerinda? Porque é que não estás a
podar a ameixeira?

(Almerinda, a assoadeira ronca. O
exquisidor estevão aproxima-se e fecha-
-lhe a boca. Ela para de roncar.)

exquisidor estevão
Horácio? Estefânia? Cão com cinco
cabeças?

(Todos roncam. O exquisidor estevão
fecha-lhes a boca um por um. Todos pa-
ram de roncar.)

exquisidor estevão
Boa vida. Da próxima vez quero ser
arguido. Não se faz nenhum a não ser
comer e dormir.

(Pega num cigarro e acende-o.)
Irra. Que saudades tenho da beatriz.
(Expele o fumo lentamente.)

Já aviava uns copos de água para de-
pois lhes lamber os redondos. Ah! E com
faíscas nos olhos ao ver os seios rasos da
beatriz. Oh! E babar a água para cima
dos anúncios do jornal. Hum! E assim
por diante.

(Canta.)
como te quero beatriz
caia-te aos pés de becinhas
se me olhasses de lado
cortavas-me logo às tirinhas

como te quero beatriz
teus seios de tábua
fazem-me percorrer faíscas
enquanto emborco a água

(Caimento de panos.)

como te quero beatriz
tuas pernas de galinhola

a arquearem como geleia
mechem-me com a carola

(Levantamento de panos.)

carrasco jeremias
(Estremunhado.)
Que rimas de merda estevão.

exquisidor estevão
(Sobressaltado.)
Estavas a ouvir? É tudo mentira.

carrasco jeremias
Olha lá. O exquisidor general apare-
ceu?

exquisidor estevão
Geral. Enquanto estava acordado
não.

carrasco jeremias
Já me cheirava a népias em sonho. E
já estou farto de te ouvir cantar.
(Espreguiça-se.)

exquisidor estevão
É para aliviar a tensão.

carrasco jeremias
Podias cantar para dentro. Já estava a
sonhar com tábua de mamilos erectos a
esguichar água.
(Com as mãos nas costas.)
Irra. Que dor nos costados.

exquisidor estevão
Estavas a dormir em cima de um ca-
lhau bicudo.

carrasco jeremias
(Olhando para trás.)
É mesmo.

exquisidor estevão
Da próxima vez que bateres a pes-
tana aconselho-te a ir mudando de po-
sição. Ajuda. Especialmente se sentires
calhaus nas costas. É só rebolar para um
dos lados. Olha que comigo funciona.

carrasco jeremias
Sabes como é estevão. Onde fico, fico.

exquisidor estevão
(Olha em redor.)
Bem. Vou dar uma olhadela nas re-
dondezas a ver se vejo o exquisidor geral.
Pode andar por aí perdido.

carrasco jeremias
Se o encontrares pergunta se tem po-
mada para as costas.

exquisidor estevão
Com a guita que te vai calhar com-
pras uma farmácia só para ti. Fica de



olho nos humúnculos. É de nunca confiar neste maralhal.

carrasco jeremias
Olhos em riste.

exquisidor estevão
Lá vou então.

carrasco jeremias
Muito bem.

(O exquisidor estevão não sai do sítio.)

carrasco jeremias
Não ias?

exquisidor estevão
Claro.

(O exquisidor estevão não sai do sítio.)

carrasco jeremias
Vais ou não?

(O exquisidor estevão sai.)

carrasco jeremias
(Canta.)
uma abelha tinha uma monca
pendia no vento enquanto voava
agarrou numa pétala de rosa
e limpou-a enquanto fungava

tum cata pum pum pum pum
tum cata pum pum pum pum

a abelha esbarrou-se num tronco
e ficou presa na resina
gritou arrancando as pestanas
e morreu por ser muito traquina

tum cata pum pum pum pum
tum cata pum pum pum pum

almerinda, a assoadeira
(Tosse.)
Senhor carrasco?

carrasco jeremias
(Levanta-se ajeitando o fato.)
Sim?

almerinda, a assoadeira
Quero mijar.

carrasco jeremias
(Espantado.)
Como assim?

almerinda, a assoadeira
Verter o excesso. Desentupir o aqueduto. Vazar o afrontamento da bexiga.

carrasco jeremias

Hum.
(Olha em redor.)
Mija atrás da ameixeira.

(Silêncio.)



almerinda, a assoadeira
Está bem.
(Dirigi-se para trás da ameixeira.
Vira-se e põe-se de cócoras. Baixa a saia.
Urina.)

carrasco jeremias
(Epifanicamente.)
Santo orifício!

almerinda, a assoadeira
Estás a espreitar carrasco? Olha que eu chamo o exquisidor.

carrasco jeremias
Deixa-te de tretas. Ele deixou-me encarregado disto. E para além disso só espreitei um bocadinho.
(Epifanicamente.)
E é divino!

almerinda, a assoadeira
Não espreites muito que isso deixa-


*“Com a guita que te
vai calhar compras
uma farmácia só para
ti. Fica de olho nos
humúnculos.”*


-me nervosa. E em vez de fazer fluido apontado faço esguicho em carrossel.

carrasco jeremias
(Ajoelha-se.)
Que a benção dos deuses recaiam sobre mim nesta contemplação de beatitude. Oh almerinda. Ah almerinda. Hum almerinda! Como desejava que o teu estreito caminho que interliga este mundo profano às sacralidades do além me





aceitasse. Como rogaria a todos os deuses que existem e os que ainda não foram inventados pela aceitação do teu trilho aos meus destinos. E assim por diante.

almerinda, a assoadeira

Foda-se. Até mije pernas abaixo.

carrasco jeremias

É a pluviosidade dourada do sagrado. O ouro líquido que se imiscui na terra para fazer germinar os alingoteiros. Que nascem no dourado do sol e se expandem aos céus divinos em troncos que não existem para levar os lingotes à ganância dos seres supremos. O que fazes é elevar o luxo da tua existência. Para que os deuses possam fabricar palitos de ouro. E garrachos de ouro. E escachanozes de ouro.

almerinda, a assoadeira

Oh. Estás a exagerar...

carrasco jeremias

E tudo de ouro. Eu te venero santo orifício.

almerinda, a assoadeira

Oh. Estás a dizer essas coisas por dizer...

carrasco jeremias

(Levanta-se.)

Nunca exageraria diante do santo orifício. Nunca, perante ele, extrapolaria a verdade ou fingiria que não a via. Que um arco-íris me rache a meio se não digo a verdade.

(Silêncio. Nenhum arco-íris o racha a meio.)

almerinda, a assoadeira

Bem... Carrasco?

carrasco jeremias

Jeremias. Só jeremias. Ao teu dispor para tudo o que necessites. A ti, que carregas a divindade do santo orifício, sirvo humildemente.

almerinda, a assoadeira

Bem... Assim nem sei o que dizer... Mas... Jeremias, chega-me algumas páginas de um livro sagrado. Um qualquer. Para limpar as pernas.

carrasco jeremias

Só um bocadinho.

(Abre a mochila do exquirador estevão. Retira um livro. Arranca-lhe algumas folhas.)

almerinda, a assoadeira

(Sacode as pernas.)

Depressa. Antes que seque.



*“Que nascem no
dourado do sol e se
expandem aos céus
divinos em troncos
que não existem para
levar os lingotes à
ganância dos seres
supremos.”*



carrasco jeremias

Cá estão.

(Estende as páginas a almerinda, a assoadeira.)

almerinda, a assoadeira

(Recebe-as e avalia-as.)

Tens a certeza que são páginas de um livro sagrado? É que prefiro ficar assim se não forem.

carrasco jeremias

Tenho a certeza absoluta. Foi o exquirador estevão em pessoa que mo disse. Podes confirmar.

almerinda, a assoadeira

(Lê.)

No dia do senhor que era depois do dia do senhorio apareceram nuvens no céu que cobriram todo o reino da sudália. Berbicó disse a poisés que um grande mal cairia do céu devido aos pecados abomináveis que ocorriam dia após dia naquele reino. E especialmente à noite. E poisés não o escutou. Mas assim aconteceu. Uma praga de gafanhotos vermelhos como o sangue vivo da menstruação da santíssima mariola avassalou todo o reino comendo alfáces e repolhos, couves e espinafres, salpicões e presuntos, salmões e mortadelas. E todo o povo da sudália morreu à fome excepto berbicó que tinha roubado a charcutaria da esquina a seguir ao barbeiro de modorra que era um fornicador de texugos e havia guardado caixas e caixas de fumeiros no seu sótão. O senhor achou correcta a acção de berbicó. E após ter confirmado a morte de todos os que ali viviam, alguns não estavam bem mortos mas o senhor usou um escacha-costelas, levou berbicó mais o seu fumeiro para os céus onde o divinizou- E ao fumeiro.

carrasco jeremias

Então?

almerinda, a assoadeira

Serve.

(Limpa as pernas.)

carrasco jeremias

Posso ajudar? Que o santo orifício e redondezas tenham de mim todas as dádivas próprias da sua glória.

almerinda, a assoadeira

Hum... Dito desse forma... Acho que sim... Podias-me limpar as zonas inaccessíveis? Não chego a certas partes das costas. Não quer dizer que me tenha urinado nas costas. Mas era só pelo prazer em si.

(Levanta a camisola.)

carrasco jeremias

Obviamente que sim.

(Pega em folhas. Começa a limpar as costas de almerinda; a assoadeira.)

almerinda, a assoadeira

Nada disso. Só com as mãos.

carrasco jeremias

Certamente.

(Sacode-lhe as costas.)

almerinda, a assoadeira

Mais como... Ora bem... Tipo esvaziar a esponja.

carrasco jeremias

Assim?

almerinda, a assoadeira

Pode melhorar. Mais lento e mais forte. Tipo avaliar se a fruta está madura.

carrasco jeremias

Está bom?

almerinda, a assoadeira

Mais para baixo.

carrasco jeremias

Aqui?

almerinda, a assoadeira

Mais para baixo.

carrasco jeremias

Aqui?

almerinda, a assoadeira

Mais p'ra baixo!

carrasco jeremias

Mais abaixo é o santo orifício!

almerinda, a assoadeira



Exacto.

carrasco jeremias

(Com as mãos nas nádegas de almerinda; a assoadeira.)

Como dou graças aos deuses pela minha boa ventura. Como tudo o que rodeia o santo orifício é suave e ao mesmo tempo rijo como pêssegos. Aveludados e proeminentes. E como...

almerinda, a assoadeira

Jeremias?

carrasco jeremias

Sim?

(Silêncio.)

almerinda, a assoadeira

Espeta-me o ferrão.

(Silêncio.)

carrasco jeremias

Mas... Não posso abrir o fato em frente dos arguidos... Estava no contracto...

almerinda, a assoadeira

(Estende-lhe o corta-unhas.)

Não é preciso que o abras o fato todo. Só o necessário para saciares a sede do santo orifício.

carrasco jeremias

(Enfia o corta-unhas na braguilha e corta.)

Está quase...

almerinda, a assoadeira

Poda jeremias. Poda. Para me avassalares com o teu tronco.

carrasco jeremias

Quase...

almerinda, a assoadeira

Quero sentir a tua árvore ginecológica germinar no meu santo orifício.

carrasco jeremias

Já está!

(Penetra almerinda; a assoadeira.)

almerinda, a assoadeira

(Gemendo.)

Ui... Que penetração tão doce e suave...

carrasco jeremias

(Gemendo.)

Costumo barrar a minha árvore com mel. O meu avó dizia-me que fazia muito bem à pele e se aplicado com muita regularidade serviria para atrair a donzela dos meus sonhos.

“Como tudo o que rodeia o santo orifício é suave e ao mesmo tempo rijo como pêssegos.”

almerinda, a assoadeira

(Gemendo.)

E resulta jeremias. Resulta. Que divindade sinto entre as nádegas. Glória eterna ao teu avô.

carrasco jeremias

(Gemendo.)

Que os deuses o tenham.

(Orgasmo e grito.)

No fumeiro divino!

almerinda, a assoadeira

Ah jeremias. Como a tua árvore ginecológica pinga sumo.

(Vira-se e abraça-o.)

carrasco jeremias

(Abraça-a.)

Sabes a ameixa.

(Dançam e riem.)

almerinda, a assoadeira

Sabes jeremias?

carrasco jeremias

Pouca coisa. O que gostava de saber está em ti.

almerinda, a assoadeira

Doce jeremias. Desde que me começou a dar os calores na adolescência que volta e meia sonho com um apicultor que surge por entre os pomares com o seu enorme ferrão. Pronto para me perseguir e me recheiar de prazeres.

carrasco jeremias

Esplêndida almerinda. E eu? Ah Almerinda. Oh Almerinda. Hum Almerinda. Desde que tenho sangue na árvore tenho sonhado com uma formosa abelha que percorre mundos em busca de uma pétala divina para assoar uma monca pendente. E essa monca sempre pareceu pender das estrelas. Que júbilo no meu baixo ventre. Que arrebatamento divino.

almerinda, a assoadeira

Jeremias. Queres-me? Não outra vez.

Mas uma vez após outra. Para todo o sempre.

carrasco jeremias

Nenhum outro destino seria tão glorioso como esse.

almerinda, a assoadeira

Então vem comigo. Vamos fugir. E dançar em volta das flores como abelhas cheias de cio. E rebolar nas ervas secas pelo sol que não se vê até esbarrarmos um no outro encaixados num animal de duas costas.

carrasco jeremias

Sim almerinda. Sim sim sim. Vamos por esse mundo fora. Eu, tu, o santo orifício e o meu ferrão.

(Pensa.)

E o tribunal? E os arguidos? E o estevão? E pior de tudo, o guito?

almerinda, a assoadeira

Deixa tudo isso. Tenho uma quinta cheia de pomares onde podes comer todas as frutas dos deuses até que te pinguem os néctares pelos queixos abaixo e pelo ferrão acima. Uma quinta que sempre desejei partilhar com o homem dos meus sonhos. Um com fato de apicultor.

carrasco jeremias

Sim almerinda. Sim sim sim. Tudo é insignificante comparado com todas as sagas e prazeres com que me sacias a existência. Vamos almerinda. Vamos.

(Dão as mãos e saem em pulos. Caiamento de panos.)

horácio, o defecador

Ah.

estefânia, a gemideira

Oh.

horácio, o defecador

Hum.

(Levantamento de panos. Horácio, o defecador e estefânia; a gemideira fazem sexo. Brotam flores variadas do ânus arreganhado do cartaz do santo orifício.)

exquisidor estevão

(Entra.)

Irra. Está lixado encontrar o tipo.

(Senta-se na bilha.)

Jeremias, ainda há farelo?

(Silêncio.)

Jeremias, tenho o estômago colado às cuecas.

(Silêncio.)

Jeremias, tenho o estômago colado às cuecas e as cuecas coladas ao farelo. Fechaste a estante? Jeremias?



(Silêncio.)
O farelo jermeias?
(Corre num círculo.)
E... Que estão a fazer?

horácio, o defecador
(Pára.)
Estámos a lavar os outeiros.

estefânia, a gemideira
(Pára.)
A vindimar nos sucalcos.

exquisidor estevão
E... A que propósito?

horácio, o defecador
Ficamos a ver os louvores do carrasco ao santo orifício da assoadeira.

estefânia, a gemideira
E vieram-se os calores. Não é para menos. Geceram tanto que até vi galhos a tirilintar.

exquisidor estevão
O jeremias e a almerinda? Eles? Onde estão?

horácio, o defecador
Fugiram.

estefânia, a gemideira
Leves como plumas de abelha...

exquisidor estevão
Que!

eco das hienas de amoníaco
Que! Que! Que! Que! Que!

(O exquisidor estevão põe-se de quatro e ladra furioso.)

estefânia, a gemideira
Podemos continuar a lavra benevolente exquisidor?

exquisidor estevão
(Levanta-se.)
Hum... Bem... Está bem. Mas com uma condição.

(Silêncio.)

exquisidor estevão
Têm de se vir ao mesmo tempo.

horácio, o defecador
O que é que isso tem que ver com o santo orifício?

exquisidor estevão
Tudo. E além do mais não é da vossa

conta. Ele exprime-se através de mim. O glorioso...

(Vira-se para o cartaz. Espanto.)
Tem flores.
(Aproxima-se.)
E são verdadeiras. Cheiram bem.

estefânia, a gemideira
Eu acho que virmo-nos ao mesmo tempo é uma boa lei.

horácio, o defecador
Eu também.

exquisidor estevão
Podem continuar. Eu preciso de meditar nesta sublime aparição enquanto vou confirmando se vossa conduta vai de encontra à lei divina.

(Horácio, o defecador e estefânia; a gemideira continuam. Gemem.)

exquisidor estevão
Flores. Quem diria.
(Senta-se na bilha. Vasculha a mochila.)

Pelo menos o jeremias podia-me ter deixado os farelos. Sempre o mesmo. Ao menor contratempo lá vai ele zarpado. E népias. Nem farelos. Nem nada. Pelo menos ainda tenho a faca de cortar gas-



ganetes.

(Levanta-se com a faca. Dirige-se ao cão com cinco cabeças.)

um cão com cinco cabeças

Rouf... Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

exquisidor estevão

Tens toda a razão. A fome aperta. Isto dos farelos é muito bom e farta de caracças mas passado pouco tempo a barriga encolhe. Como é preciso encher o bandulho e não há com quê, decreta-se que se tem de encher o bandulho com o bandulho alheio. Portanto. Somos oito se bem que um é cinco, logo se a cinco tirarmos quatro, ficamos com quatro para quatro o que corresponde à refeição.

um cão com cinco cabeças

(Em uníssono.)

Rouf?

exquisidor estevão

Certo horácio?

horácio, o defecador

(Geme.)

Não percebi a conta. Não me consigo concentrar na matemática. Só sei que um mais um é igual a um.

estefânia, a gemideira

(Geme mais alto.)

Hum! Mais. Hum! Igual. Ah... Hum! Oh sim! Sim! Hum!

exquisidor estevão

Pronto. Em linguagem de humúnculo. Corto quatro cabeças ao cão e nós os três mais o cão que sobra comemos uma cabeça. O miolo claro está.

estefânia, a gemideira

Hum! Que crueldade. A crueldade faz-me gemer.

exquisidor estevão

Nem penses em ter um orgasmo antes do horácio.

estefânia, a gemideira

Nunca senhor exquisidor. Mas sinto-me quase. Quase.

horácio, o defecador

Eu também doce estefânia. Quase. Quase.

exquisidor estevão

Nada de quase. Só se vêem quando a refeição estiver pronta. Quero ver essa lava enquanto estiver a cozinhar. Mas podem ir dizendo isso do quase que soa bem.

(Horácio, o defecador e estefânia; a

“Como irei receber o guito a que tenho direito acrescido do guito do jeremias acho que três arguidos já darão uma boa soma.”

gemideira param. Vão dizendo aleatoriamente “quase”.)

exquisidor estevão

Ora com licença. Fusão, o cão fusão vai ser para a estefânia.

(Corta a cabeça. Segura-a pelas orelhas.)

um cão com quatro cabeças

Rouf... Rouf... Rouf... Rouf...

exquisidor estevão

Ora com licença. Creto, o cão creto vai ser para o horácio.

(Corta a cabeça. Segura-a pelas orelhas.)

um cão com três cabeças

Rouf... Rouf... Rouf...

exquisidor estevão

Ora com licença. Tágio, o cão tágio vai ser para mim.

(Corta a cabeça. Segura-a pelas orelhas.)

um cão com duas cabeças

Rouf... Rouf...

exquisidor estevão

Ora com licença. A escolha agora é difícil. Este. Níbal, o cão níbal vai ser para o traste, o cão traste.

(Corta a cabeça. Segura-a pelas orelhas.)

traste, o cão traste

Rouf?

exquisidor estevão

É verdade. Tu ficas no mundo de cá. Também não parecia que quando o exquisidor geral chegasse fosse contar cinco arguidos em um só corpo. Como irei receber o guito a que tenho direito acrescido do guito do jeremias acho que três arguidos já darão uma boa soma.

(Pousa as cabeças junto da mochila.

Retira a bilha. Reposiciona a cadeira de rodas ao centro.)

Vamos lá a arranjar espaço para a cozedura. Já estou farto de ver esta bilha. E bilhas com fogo não me agradam. É pesada. Horácio? Estefânia? Preparados?

estefânia, a gemideira

Já estou roxa de tanto me deter.

horácio, o defecador

Já me doi a ponta do corpo.

exquisidor estevão

É para sofrerem pela severidade dos vossos pecados. E assim por diante. Mas já chega. Podem continuar e venham-se quando quiserem desde que seja ao mesmo tempo.

(Senta-se na cadeira de rodas. Tira um maçarico da mochila.)

estefânia, a gemideira

(Movimenta as ancas freneticamente.)

Gentil exquisidor. Como alivias o peso dos meus pecados.

horácio, o defecador

(Movimenta as ancas freneticamente.)

Sublime alma. A razão em ti impera justa e divina.

exquisidor estevão

Interessante. Interessante. Concentrem-se no que estão a fazer e pouco paleio.

horácio, o defecador

Sim! Sim!

estefânia, a gemideira

Hum! Hum!

exquisidor estevão

(Entre os “hum!” de estefânia, a gemideira e os “sim!” de horácio, o defecador.)

Assim sim. Vão bem.

(Acende o maçarico. Começa a cozinhar os cérebros.)

Com este esguicho de labareda parece que vai ser coisa rápida. Até borbulham. Pena que sejam tão pequenos. Mas parecem parecem deliciosos.

(Começam a saltar pedaços de cérebro. Apaga o maçarico.)

Eia! Está a ficar violento. É melhor meter protecção.

(Tira uns óculos de mergulhador da mochila. Mete-os. Acende o maçarico. Continua a cozinhar os cérebros.)

Parecem alheiras de codorniz a rebentar. Com pouco cuidado e um tipo pode ficar com um neurónio a escorrer-lhe do olho. Deixa atestar umas labare-



das neste. Arguidos com sorte ah? Com esta carninha até vão arrotar latidos! Muda de cérebro e atesto este agora. Isto está quase. E por aí?

estefânia, a gemadeira

Quase! Mas tão quase!

horácio, o defecador

Muito quase! Mesmo quase!

exquisidor estevão

Ao meu sinal é lavrar até ao extase.

(Estefânia, a gemadeira e horácio, o defecador agarram-se com força.)

Esperem... Mais um pouco... E... Só mais um bocadinho...

estefânia, a gemadeira

Oh que expludo. Ah que expludo. Hum que expludo.

horácio, o defecador

Oh que rebento. Ah que rebento. Hum que rebento.

exquisidor estevão

Mais um pouquinho... E... Já!

(Estefânia, a gemadeira e horácio, o defecador gritam. Deixam-se postrar arfando.)

exquisidor estevão

Muito bem. Que sincronia. Que catarse. Se não fosse o guito perdoava-vos os pecados para todo o sempre. Horácio? Como vais querer o teu cérebro?

horácio, o defecador

(Arfando.)

Pode-se escolher?

exquisidor estevão

Só hoje. Para saberem que também posso ser benevolente. E gentil. E divinamente piedoso. O meu coração transborda de compaixão mesmo sabendo das vossas ações miseráveis e obscenas. Olha! Este torrou um bocadinho. Bem passado não era horácio?

horácio, o defecador

Pode ser sim. De preferência.

exquisidor estevão

E então? Como vais querer o teu cérebro?

horácio, o defecador

Bem... Com batatas fritas em forma de estrelas.

exquisidor estevão

Infelizmente tenho-te a dizer que isso não há.

“Que sincronia. Que catarse. Se não fosse o guito perdoava-vos os pecados para todo o sempre.”

estefânia, a gemadeira

Eu queria com esparregado de lulas.

exquisidor estevão

Infelizmente tenho-te a dizer que isso também não há.

cão traste

Rouf...

exquisidor estevão

E isso muito menos.

horácio, o defecador

Então com o que é que há.

exquisidor estevão

Há simples. Mal passado e bem passado. Com amêndoas e com ameixas.

horácio, o defecador

Bem passado simples para mim.

estefânia, a gemadeira

Mal passado simples para mim

cão traste

Rouf...

exquisidor estevão

É para já. Mas umas labaredas neste. Mais umas viradelas naquele. Um afoalhamento neste. Mecher este. E é para o daqui a bocado. Feito! Horácio, toma lá e lambuza-te.

(Estende a cabeça do creto, o cão creto a horácio, o defecador.)

horácio, o defecador

Obrigado benevolente exquisidor.

(Levanta-se a custo e senta-se na cadeira de rodas e come os miolos à colher.)

exquisidor estevão

Estefânia, podes cair de queixos a este pitéu.

(Estende a cabeça do fusão, o cão fusão a estefânia, a gemadeira.)

estefânia, a gemadeira

Muito agradecida piedoso exquisidor.

(Levanta-se a custo e senta-se na cadeira de rodas e come os miolos à colher.)

exquisidor estevão

Cão traste, toma a tua iguaria e diz-me se não te consola infinitamente mais que os biscoitos dos gatos. Vais chupar na língua uns bons tempos.

(Estende a cabeça do níbal, o cão níbal a estefânia, a gemadeira.)

cão traste

Rouf...

(Come os miolos à colher.)

exquisidor estevão

Bem me parecia. E este finalmente é para mim.

(Come os miolos à colher.)

exquisidor estevão

(Com a boca cheia.)

Não queria alarmar-vos. Mas se o exquisidor geral não aparecer nos próximos tempos vou ter que vos arrancar uns pedaços para fazer mais iguarias.

estefânia, a gemadeira

Tudo menos os meus redondos que tanto me consolam e ao horácio!

horácio, o defecador

Tudo menos o meu escava-escava!

exquisidor estevão

(Com a boca cheia.)

Não vos atormenteis. Eu sou piedoso. E razoável. E para além disso muito me fascina a lavra com que os vossos corpos se comprazem. Tenho de ter um mínimo de três arguidos para entregar. O que não quer dizer que tenham de ser inteiros.

(Enfia mais uma colherada.)

Vamos começar pelos dedos dos pés. Depois os das mãos. Chupamo-los até ao ossinho e se ele continuar a não aparecer vai um bracinho e uma pernoca. E assim por diante.

(Arrota.)

Isto é ar a mais e chicha a menos. Mioleiras pequenas. Duas colheradas e já foi.

estefânia, a gemadeira

A mim matou-me a fome para muito tempo.

horácio, o defecador

A mim também. Tenho o bandulho fartinho.

estefânia, a gemadeira

Mas senhor exquisidor... Posso fazer uma pergunta?

exquisidor estevão



Podes.

(Recolhe as cabeças e mete-as na mochila.)

Com estas cabecinhas ainda vou fazer uns trocados. Deixo só a caveira bem polida. Mando-lhes uns biqueiros e canelas, deixo-as a apanhar sol por uma lupa até amarelecem e depois vendo-as como sendo crâneos de crocodontes da cretácia ao museu de arqueologia de culaças de cima. Mas que ias a dizer estefânia?

estefânia, a gemideira

Que talvez não seja necessário arrancar-nos nada. Isto sem querer colocar a sua autoridade em causa claro.

exquisidor estevão

Sim?

estefânia, a gemideira

Há imensas laranjeiras, macieiras e pereiras atrás daquele monte. (Aponta.)

exquisidor estevão

(Acertando com o pauzinho nas orelhas de estefânia, a gemideira.)

Sua pelicana desmiolada! Humúncula que deita esgoto pela narinas por duas palhinhas! Não podias ter dito isso antes de eu matar os cães?

estefânia, a gemideira

Não queria enfrentar a sua autoridade... Ai que me magoa!

exquisidor estevão

(Acertando com o pauzinho nas orelhas de estefânia, a gemideira.)

Fui assassinar os bichos quando há comida ao virar da esquina. Irra. Só me saem desmiolados. Vá! Ponham as correntes. Vou buscar as previsões e aproveito para ver se o raio do exquisidor geral anda aí. Estou farto de vor aturar.

(Horácio, o defecador e estefânia, a gemideira voltam a colocar as correntes. Caimento de panos.)

cão traste

(Canta.)

rouf roouf rouuuuf rouf
rououououf roufou roufou
ruofoufu fufourou ou ou ou
ruououf fououou ru ru ru

(Levantamento de panos.)

rouf roouf rouuuuf rouf
rououououf roufou roufou
ruofoufu fufourou ou ou ou
ruououf fououou ru ru ru

exquisidor estevão

“Que talvez não seja necessário arrancar-nos nada. Isto sem querer colocar a sua autoridade em causa claro.”

(Entra com fruta no bolso, na veste, em cima da cabeça. Arrasta um galho cheio de laranjas com um dos pés.)

Caluda!

(Pousa a fruta.)

Devia ter levado a mochila. Ufa.

(Estica as costas.)

Estefânia? Horácio? Onde se meteram seus pelicanos?

cão traste

Rouf...

exquisidor estevão

Fugiram? Como assim?

cão traste

Rouf...

exquisidor estevão

Conseguir retorcar as correntes? Bem me pareciam que eram correntes de má qualidade.

(Senta-se na cadeira de rodas.)

Isto agora só com um arguido é capaz de dar fiasco. Ainda para mais é um cão sem quatro cabeças. Estou tramado.

(Come uma laranja.)

Mas vale um arguido que nenhum. Não é?

cão traste

Rouf...

exquisidor estevão

Anda cá. Quero-te bem junto a mim. Já são demasiadas fugas. Assim ponho-te os olhinhos em cima.

cão traste

(Retira as correntes.)

Rouf...

(Senta-se junto ao exquisidor estevão.)

exquisidor estevão

Toma. Come uma laranja.

(Estende-lhe uma laranja. O cão traste arrota.)

Compreendo. Ainda não há vaga. A mioleira do cão níbal ainda te enche a

pança.

(Passa-lhe a mão no pêlo.)

Que macio! Sem se tocar não se tem noção. Que aveludado. De longe parecem garamiços de escovar chanatos. Mas tocando. Oh oh.

cão traste

Rouf...

exquisidor estevão

(Passando-lhe a mão no pêlo.)

Sabes canito. Com todas estas alterações ao programa só tu sobras para me salvar deste intempérie de heresia e libertinagem. O santo orifício tem orgulho em ti. Em te martirizares desta forma. Em dares os teus companheiros à morte e ao veres fugir toda a gente sem arredares do teu real lugar. Da tua divina sentença.

(Passando-lhe a mão no rabo.)

Sabes canito. Com todo este fora e dentro de corpos. Em fora e dentro dos outros corpos. Nasceu em mim um apetite voraz.

cão traste

Rouf...

exquisidor estevão

(Passando as mãos nas nádegas do cão traste.)

Um apetite que não tinha desde a última vez que vi a beatriz. Um apetite que não se sacia somente em te comer uma das partes, ou uma das cabeças, mas um apetite que vai mais além. Claro está, inflamado pelos apetites que aqui se passaram. E talvez ainda mais pelos que se vão passar...

cão traste

Rouf...

exquisidor estevão

Quero-te enfiar o meu divino badalo.

(Beatriz esponja entra.)

exquisidor estevão

(Agarrado às nádegas do cão traste.) Beatriz?

beatriz esponja

Seu traste!

(Sai.)

(O cão traste corre atrás da beatriz esponja. Silêncio.)

(Lentamente o exquisidor estevão arruma a mochila e põe-na às costas.)

exquisidor estevão

(Olha em redor.)

É melhor ir andando.

(Não sai do sítio.)



Perfeito, Perfeito é Viver

Lupum



Coabitar neste recanto que queria só meu. Este pequeno espaço que é uno... Que é um dentro de outro qualquer. Aqui contemplo a perfeição. Aqui escrevo sob e sobre ela... Com ela... Assisto à minha/nossa constante produção evolutiva. A evolução está associada à minha desilusão perante acontecimentos nem sempre hegemónicos.

És perfeito? Falsidade hiperbolizada em tons de questão. Resposta sempre ou quase sempre afastada da realidade. Sou atacado por constantes ataques de perfeição. Jogo na defensiva e assimilo a vontade da vida... Vivo e tento aperfeiçoar-me a mim, em mim. Jogos de sedução constantes entre a vida e a morte. Que sorriso que vou libertando.

O que és tu? <sem resposta>

Toc toc toc. Está? Moras aí? <sem resposta>

Espaço vazio em migrações constantes. Procura constantes. Vazios constantes. Espaços que aguardam pelo preenchimento constante. Aenos constantes. Olhares inconstantes. Trinco na porta. Não há vida!!!

Aguardo... <sem resposta>

Sento-me e aguardo que... Não sei o que aguardo. Não sei quem é a perfeição. Não sei... Bebo um Porto... Espalho o sabor pelos lábios com a ponta da língua... PERFEITO!!! Êxtase comigo. Consigo viver a plenitude da vida enquanto me é permitido! Perfeição. Estou VIVO. Perfeição. Planos reais projectados. Perfeição. Hedonista cadenciado. Perfeição. Suporte lógico da perfeição. Perfeito!

Eu sofro de resiliência aguda! É uma perseverança para ter a minha perfeição. Conceito que varia sempre em vontade e de individuo para individuo.

Perfeito não é estar quieto, mas sim estar numa inalterável inquietação. Perfeito é questionar tudo o que há para questionar para atingir o princípio do porquê. Questiono para ser perfeito. Aperfeiçoar a minha vontade em querer ser perfeito. Os objectivos estão ali ao fundo, a um passo, a uma questão, a uma vontade incomensurável de estar mais além. Não se atinge... Aproxima-se sempre aquele limite ao perfeito, mas nunca se pode atingir, pois há mais e sempre mais. Uma inalterável vontade de estar no topo de mim, da minha consciência enquanto individuo da lógica. Enquanto individuo da razão. Seja ela qual for! Mas é minha, esta razão. Uma

parede não deixa de ser uma parede, apenas porque pode ter outro conceito. O material, o físico existe! Dá-lhe o nome que quiseses! Mando o copo ao ar e parte-se a forma... E parte-se o nome quando tropeça no chão. Mas... O material está lá... "# Nada se perde, tudo se transforma #"

A concepção da perfeição deve sempre ser encarada e abraçada à Lei da Parcimónia, pois não adianta complicar o que é simples.

A perfeição está associada à minha firme evolução. Cavo um trilho pelo espaço que me é permitido! O trilho não pode ser uma linha recta, senão o que me resta da influência convergente a mim, ao meu trilho? A recta vai de um ponto a outro... Eu não vou de um ponto a outro... Vou onde quero... Vou ser eu mesmo ali e outro qualquer além. Vou ser mais e melhor! Perfeito alinhamento de passadas...

Há que dar valor à vida.

"Sofremos demasiado por causa do pouco que nos falta, e alegramo-nos pouco com o muito que temos" (Shakespeare).

Tenacidade incólume naquilo que desejamos. A vida escorre o seu brilho pelos dedos... Pelos nossos dedos. Não consigo dormir. Não consigo deixar de estar dentro de mim, preocupado em lembrar-me de não me esquecer que vivo... Liberdade condicionada pelo género! Ressaca permitida num mundo de ilusões. As máscaras começam a cair... Outras vestem rostos perfeitos, de perfeita ignorância! Tapam-se... Disfarçam as intelectualidades que nunca tiveram. Cessaram a procura de mais respostas às questões. Questões geram respostas! Procura de respostas gera mais respostas. Incessante a busca. Longo se torna o dia! Curto demais para o que quero, para o que procuro...

Exijo apenas que se procure o máximo. Visão daquilo que almejo, visão diestorcida da perfeição... Falamos do quê? Conceitos e mais conceitos sujos, conspurcados pelo não prazer da demanda! A vida é a incessante trans-

formação do conceito para a prática. Todos viajamos com a bússola orientada para aquele ponto específico. Concentro-me naquele ponto, naquele sinal que brilha, que me faz ganhar ao tempo, no seu próprio jogo. Percorro as avenidas descascadas pela vida e paro... Julgo-me espectador neste auditório... Roda em mim o mundo. PauloCENTRISMO! Egocentrismo! E depois? Eu não alinho com os alinhados. Não sou um pleonasmo das ovelhas que povoam este mundo! Permito-me viver em busca de sensações. Não experimentação do que me é proposto, com a devida ponderação e avaliação individual, poderá ser a hipótese não atingível da perfeição. Pego no telemóvel e marco um número aleatório! Atende-me a estática... Desligo! Ligo o televisor... Sintonizo o universo... Estática! A perfeição ali... Num pedaço de vidro... O que me rodeia ali... Sorrio e desligo o universo concentrado!

Um simples sorriso de alguém pode ser o momento perfeito pelo qual aguardas.

Está escuro... Procuro-me para me cumprimentar pela perfeição maciça do espectro oco jamais visível. Frente a frente! EU vs EU. Já não existe o outro. Apenas existo eu. Dualidade de mim. Perfeito... $2 + x = \text{MIM}$

O que pode um espelho reflectir? A realidade? Torção de acordo com a inclinação obscena que lhe é tratada/gerada/evocada? Aplica as camadas surreais de um comprimido qualquer. Altera a disposição da realidade. Perfeito? Isso é a tua perfeição? Mentira induzida ao corpo? Plano desligado... Como diria Variações "Estou bem aonde eu não estou / Porque eu só quero ir / Aonde eu não vou". Esta é a segunda melhor definição de perfeição... Somos a constante procura dos passos na calçada. Não paramos para sentir o gemer da pedra quando a pisamos, não paramos para olhar para trás e para baixo, em sinal de respeito pelo que alcançamos. Apenas andamos... E a perfeição da persistente indagação?

A melhor definição da perfeição sabes onde a posso encontrar? No branco restante desta página... Saboreia-a... Sente-a... Pois é sinal que te perdeste para a vida e isso... Isso é perfeito!



PimPerfeição

Naive



Não tenho prazer algum em falar sobre a designada Eugenia, a qual como todos sabemos, foi embrião ideológico de uma das maiores tragédias alguma vez architectada pela mente humana. Falo obviamente do Holocausto e todo o impacto negativo que o mesmo teve, tem e sempre terá na história da humanidade.

Mas talvez por isso, por ser um tema com um “karma” tão complexo e trivial, deva ser abordado frontalmente, e por isso resisti a uma certa predisposição para me remeter ao silêncio em relação a esta matéria. Falar sobre algo que nos impressiona e inquieta, porque somos Humanos, por vezes é o caminho mais viável para a compreensão (se a existe...) e superação desse mesmo estigma, do que propriamente o silêncio ou ausência de conteúdo crítico.

Como em muitas outras coisas, a ideia em si, da Eugenia ou perfeição humana não é uma coisa má, se tem por base ideológica a preservação, aperfeiçoamento e evolução da raça humana, as obsessões e crueldades geradas a partir dessa ideia é que lhe conferiram um véu macabro de desconfinança e controvérsia. São aquelas velhas máximas de que deve existir um barómetro entre o sonho e a realidade, se deve pesar os prós e os contras, não fazer de um ideal uma devoção cega, e que nem todos os fins justificam os meios. Mas se existem sempre máximas e chavões filosóficos que por vezes nos enfadaram, e da mesma forma virtuosos intelectuais que as repelem como moscas, não deixa de ser verdade que se tais se impregnaram tão profundamente no pensamento humano, muito devem à lógica e sentido construtivo.

Mas falar do nazismo ou raça ariana é puxar muito à frente esta película a preto e branco, com manchas nebulosas e tons marcadamente sangrentos. Sabemos que o ideal eugénico tem raízes históricas muito anteriores à era nazi; a Grécia Antiga terá sido o local onde primeiramente germinou esta ideologia. Os Espartanos nessa altura já aplicavam um rigoroso e austero processo selecti-

vo aos seus recém-nascidos e crianças, com o intuito de formarem, desde tenra idade, homens vigorosos para o seu muito afamado exército, de forma a garantir a protecção e segurança do seu povo, assim como mulheres saudáveis e férteis, capazes de gerar esses filhos robustos da nação, e mesmo de combater o inimigo caso fosse necessário, pois à semelhança dos homens também recebiam instrução militar.

Obviamente manda a lógica que se enquadre as características próprias de um povo no contexto da sua época, com todas as vicissitudes e necessidades a ela subjacentes. Nesse sentido, embora, nos dias de hoje, cause grande choque cultural e civilizacional, a forma como era estruturada a sociedade Espartana, foram esses métodos e práticas eugénicos que garantiram a sobrevivência desse mítico povo durante séculos. Como tal, no caso dos Espartanos, poder-se-á dizer que, no enquadramento da sua época, os fins acabavam por justificar os meios, algo que, milénios mais à frente, com todas as transformações e evoluções científicas, sociais, culturais e filosóficas, que o Homem foi capaz de desenvolver ao longo do tempo, não é de todo justificável a adopção de tal radicalismo existencial, senão por pura obsessão e discriminação racial, por si só um efeito regressivo da própria humanidade.

Quanto à Perfeição; dizem que ela não existe. Existe pois, mas tem a beleza e vitalidade de uma borboleta, ou seja é algo muito intenso e pouco duradouro, e nem podia ser de outra forma. Todos os dias vejo coisas perfeitas, momentos únicos, irrepetíveis e inigualáveis, em que parece que tudo se conjuga de forma simbiótica; matéria, espírito, luminosidade e até o ângulo mais favorável à contemplação, no entanto se me quedo muito no acto contemplativo depressa a tal Perfeição se desfaz, porque a minha mente logo alerta os meus sentidos para a demanda do defeito, da imperfeição, e mesmo da podridão que sempre se esconde por detrás dessa “coisa perfeita”, e quando dou por ela pimba, lá se desfaz o encantamento!

Bem, mas como é de Perfeição genética, morfológica, física... de que se pretende tratar especificamente aqui tenho de confessar a minha ignorância sobre a matéria. Apenas sei que os jogos paralímpicos estão cheios de homens e mulheres que me davam uma abada a correr, saltar ou a praticar muitos dos outros desportos olímpicos. E porquê? Por dois factores; o primeiro é que porque eu sou preguiçoso. E segundo é porque esses seres imperfeitos tiveram

uma força anímica extraordinária para não se limitarem à vitimização das suas incapacidades motoras e mentais, fazendo das suas fraquezas forças, focando-se num objectivo e superando-se a cada dia a si mesmos.

No entanto não faltam, nesta nossa sociedade de perfeitas aparências casos mais visíveis daqueles para quem viver o dia-a-dia com uma limitação físico-motora é que é uma verdadeira olimpíada, e os exemplos estendem-se de tetraplégicos, paraplégicos, amputados dos membros a pessoas privadas de um dos sentidos, audição, cegueira, e mesmo olfacto e paladar que, em virtude de um sentido nulo, desenvolveram mais profundamente os outros sentidos em relação a ser humano dito “integral”, para estarem ao nível de percepção deste.

Depreendo assim por estes casos, e muitos outros exemplos de degenerações morfológicas, genéticas, mentais e mesmo emocionais, que a Perfeição não é um destino, é um caminho que se trilha paralelo a limitações de várias ordens que se vão, não superando, mas diminuindo, amenizando, disfarçando, vencendo a cada dia, sempre de mãos dadas com a persistência e vontade de viver. Uma pessoa com deficiência consegue ser tão ou mais funcional que outra dita normal, com a vantagem de servir de exemplo ou mesmo de chapa-de-intelectual aos ditos perfeccionistas. Quanto à dita Perfeição estética, a única coisa que tenho a dizer é que é tão subjectiva quanto o olhar de cada pessoa ou o que anda na moda na altura...

Já agora fazendo um exercício meramente especulativo, o que será um homem perfeito no conceito eugénico de hoje em dia? Ora vamos lá a ver; talvez um espécime mais ou menos nórdico, alto, loiro e espadaúdo, com a pelugem e toque irreverente de um macho latino, a musicalidade e genitais avantajados de um africano, a sabedoria e dotes marciais dos orientais, e já agora os conhecimentos terapêuticos e “sobrenaturais” dos índios, que também nos fazem ver coisas perfeitas e eugénicas por muito mais tempo... Quanto às mulheres, parece que a paranóia Eugénica de hoje em dia é a magreza esquelética, os seios robustos, a pele esticada, e outras escravidões corporais em nome da Beleza e da Perfeição que se vende hoje em dia... mas isto sou apenas eu a especular e a generalizar do alto da minha estimada imperfeição.



Eugenia e Perfeição Satânica

Vitor V.



Que diálogos são possíveis entre as ideias eugênicas e a religião Satanista. Legitimaria ela alguma de suas propostas? Coincidiriam os seus ideais com os de uma possível instância de perfeição Satanista? Seria a distinção entre seres “puros” e “impuros” compatível com o humanismo satanista? Sobre e estas e outras indagações busca-se refletir...

Ao longo da caminhada histórica humana diversas foram as tentativas de sistematização de ideais que se propusessem a lançar o homem na condição mais positiva possível. De sistemas políticos a sistemas filosóficos, há um eterno questionar-se, inerente a todo e qualquer ser pensante, sobre aquilo que na vida pode ser melhorado. Naturalmente, visto que é justamente a insatisfação ou o querer mais que nos faz dar um passo à frente. Desde a simples utilização do fogo para o cozimento de comida à busca pela cura de doenças graves.

Historicamente situado no final do século XIX e diretamente influenciado pelos avanços com relação aos estudos genéticos, surge então o movimento denominado eugenia. Propondo-se a resolver os problemas sociais da sua época, passa a ser instrumentalizada a ciência para defender a ideia de que seria preciso, de alguma forma, controlar determinados indivíduos na medida em que eles apresentassem características físicas que tivessem por consequência a ausência de habilidades, aptidões, ascensão social, dentre outros. Tal controle envolvia a esterilização e a segregação social dos ditos menos aptos. Uma tentativa simples e (aparentemente) lógica para justificar e resolver problemas sociais. Tal movimento ganhou força e se espalhou-se para além da Europa, local onde ele é iniciado, chegando a contar com organizações e instituições relacionadas inclusive na América Latina, especificamente no Brasil e na Argentina.

A explicação deste movimento é simples: condições inatas dos indivíduos determinam as suas capacidades, especialmente as intelectuais. Com isto, basta que reinterpretemos o conceito de seleção natural e o substituamos pelo de seleção artificial, de modo que os bons se misturem com os bons e os ruins simplesmente não se misturem. Não à toa, quem começou com toda esta história foi, nada mais nada menos, que o primo de Charles Darwin. Do seu “darwinismo” originou-se o darwinismo social, a partir do qual as condições sociais de um indivíduo se

dão-se a partir das suas capacidades.

Não pretendo me aprofundar sobre aquilo que outras áreas do conhecimento teriam a dizer para pôr abaixo esta tese. Pois o que nos interessa aqui é a seguinte reflexão: como é que a eugenia poderia ser interpretada com base nas ideias e reflexões satanistas? Teria a religião de LaVey algo a nos dizer-nos? Quais ideais de perfeição, por sua vez, poder-se-ia depreender dela?

A primeira pergunta que coloco é: se a eugenia pressupõe um conceito de perfeição, ou “pureza” para outros (por mais assustador e contestável que isto possa parecer), qual seria então o ideal de perfeição para o Satanista?

Se estamos a falar de um sistema de ideias e proposições de condutas com uma base declaradamente humanistas, é preciso que já de início descartemos qualquer associação metafísica. Isto é, se há uma possibilidade de perfeição, nem que seja enquanto um construto teórico para se ter como norte, esta deve estar ligada ao homem per se. A Nossa produção deste ideal se dá-se na instância do pensamento e não no pressuposto de que haja uma realidade extra-humana na qual tal perfeição se realize. Refiro-me a toda e qualquer forma de religiosidade que lance o homem para baixo de uma instância metafísica divina máxima, tendo esta que ser tomada de exemplo para que o destino das pessoas e da humanidade como um todo possa ter o seu happy end. Este passo é fundamental para que reconheçamos no homem em si todo e qualquer meio e fim das suas próprias aspirações. Concepção básica para o Satanismo, diga-se de passagem, e de origens que datam ao Renascimento.

Tendo dito isto, tentemos então responder à pergunta; já tendo deixado de lado deuses e afins. É relevante refletirmos inicialmente sobre o contexto de surgimento da religião. Se hoje nos parece muito claro que não deva haver qualquer tipo de pensamento que nos coloque correntes morais, impedindo a satisfação de nossos desejos, à época de LaVey isto não parecia tão claro. Ainda mais se pensarmos na sociedade americana, fortemente marcada pela

moralidade cristã. Neste contexto, o Satanismo se coloca-se, e aí seguindo à risca o significado de seu nome, como um grande “contra”, questionando toda esta moralidade. Os mesmos homens que LaVey via na missa eram os que depois dela ficavam a cercar as garotas seminuas no parque. Algo estava errado...

Destaco esta moralidade como ponto de partida inicial para vermos na figura do corpo um importante elemento para compreender uma das facetas do “ideal satanista de perfeição”, se podemos assim dizer. Pois uma das características que mais se destacam no que diz respeito a esta moralidade cristã é o controle que se faz sobre o corpo, em especial no que diz respeito à sua sexualidade. Interessante como que a intensidade em que se dá a repressão contra si mesmo é exatamente aquela em que se dão os próprios instintos. Pois todo o ser vivo dispõe de um componente físico que lhe garanta a reprodução, de modo que a espécie se mantenha, e não seria diferente com o homem. Ou seja, para controlar algo tão natural, realmente só mesmo dentro de um sistema dogmático de punições, repreensões, pecados.

Assim sendo, podemos considerar que a liberdade total sobre o corpo constitua um ideal satanista. Naturalmente, e isto serve a leigos e críticos, não se trata da exaltação de uma grande orgia mundial, mas de desconsiderar grilhões morais antinaturais, como muito se pregou ao longo de séculos. Desta forma, uma possível associação satanista com a eugenia seria no mínimo contraditória, para não dizer hipócrita. Pois se pensamos nem um ideal de pureza racial, ou qualquer coisa que o valha, como considerar a relação sexual entre um indivíduo de uma classe ou grupo social de prestígio e um outro que não pertença a este? Ora, que tipo de pureza é essa que buscaria prazer num “inferior”? Uma pureza racional e construída, mas não naturalmente justificada. Não passaria de mais uma forma de controle moral... E isto se aplica-se aos dois lados da relação. Nenhum deles deve ter a sua sexualidade tolhida.

O que dizer então de medidas como a castração e a esterilização? Ora, instituição nenhuma deveria se colocar-se acima do corpo do indivíduo em prol de qualquer ideal que fosse. A menos que este represente um perigo para os demais, não há qualquer justificativa nem moral nem biológica para impedir um indivíduo de se reproduzir. Faz parte de da nossa natureza. Que isto tenha implicações sociais é óbvio, mas há um



abismo entre um trabalho de educação e conscientização feito por parte do estado e possíveis medidas que simplesmente impeçam a reprodução.

Um outro aspecto que se coloca quando pensamos em Satanismo é a questão da liberdade. A religião prega um individualismo no qual a vontade é que deve ser a lei. Uma vontade pessoal, intransferível. Não é à toa que cada um é o seu próprio deus: e mais nada nem ninguém. Isto tem um valor de desconstrução muito importante. Falo em desconstrução, pois, se Nietzsche destronou Deus, o Satanismo oficializou o lugar do homem neste trono. Digo oficializou pois não podemos ser ingênuos em crer que LaVey tenha proposto coisas totalmente inéditas: o humanismo renascentista, o individualismo capitalista e toda uma série de reivindicações quanto ao poder individual sobre o corpo já o precediam. Seja como for, a questão da liberdade se faz-se latente e associa indivíduo e vontade. Considerando isto, mais um aspecto da perfeição satanistas seria a exploração máxima de todos os potenciais humanos, o que, dito em outras palavras, equivaleria à superação de qualquer forma de obstáculo para tal. E por potencial humano elencam-se diversas esferas: sexual, intelectual, social, artística. Se a eugenia pode servir de muleta a propostas de segregação social, não podemos dizer que ela se associa a um projeto libertário de cunho satanista, de forma alguma.

Não poderia contudo o Satanismo dizer sim?

Ora, se a religião promove o uso da razão e de todas as faculdades intelectuais das quais o ser humano dispõe, ao invés do mito e da fé, não seria válido socialmente reconhecer que um controle social seria não só possível como válido? Não seria este um projeto racional no qual os indivíduos mais aptos estariam nem uma posição legítima para determinar o rumo dos menos aptos? Não há na própria Bíblia Satânica, logo ao começo, no primeiro livro, os dizeres “Morte aos fracos, riqueza para os fortes”?

Eis aí uma justa margem de interpretação na qual possamos associar conceitos como força e fraqueza aos eugênicos da pureza e da impureza. Mais do que isto, nem uma religião que valoriza tanto o eu, não seria difícil que o ego convertesse a condição individual de deus para a uma de deidade suprema universal. Trata-se de uma arrogância tão esperada quanto questionável, uma vez que respeitar o meu eu é fazer exatamente o mesmo com o eu do outro. E aí reside talvez a maior

*“como a eugenia
poderia ser inter-
pretada com base nas
ideias e reflexões sa-
tanistas? Teria a re-
ligião de LaVey algo
a nos dizer? Quais
ideais de perfeição,
por sua vez, poder-se-
ia depreender dela?”*

das contribuições éticas do Satanismo. Algo também não inédito, visto que Kant já disse algo muito parecido há muito tempo. Duas críticas possíveis a esta interpretação são cabíveis.

Primeiro, a interpretação é possível mas não única. E, considerando as outras recorrências da palavra fraco na própria Bíblia Satânica, é visível que LaVey não pretendia com ela estabelecer um sistema de castas ou algo que o valha. Esforço e lutas individuais em meio a um mundo “selva de pedra” são relevantes e necessárias, até mesmo como forma de evolução individual, isto não há o que questionar. Que haja uma diferença entre as pessoas, isto também é óbvio. Mas parece que a quem de facto LaVey se dirige no trecho em questão não são seres inferiores ou menos aptos, mas a todos aqueles que foram fracos o suficiente para aceitarem cegamente a moralidade cristã que os limitavam enquanto seres humanos de carne e osso!

Em segundo lugar, um cerceamento de liberdade não poderia ser pensado por um indivíduo e aplicado em outro. Pois ora, que tipo de diferenciação legitimaria isto? Eis a maior de todas as contradições quando tentamos relacionar Satanismo e Eugenia.

Se a diferenciação se legitima com base em raça ou etnia, isto nos leva a considerar isto como sendo determinante para a, como dito anteriormente, exploração máxima dos potenciais humanos. O que não dispõe de qualquer validade científica, se considerarmos a nossa razão como apta para dar conta da questão. Além do mais, isto representaria acrescentar às ideias satanistas

racismo, coisa da qual passamos longe.

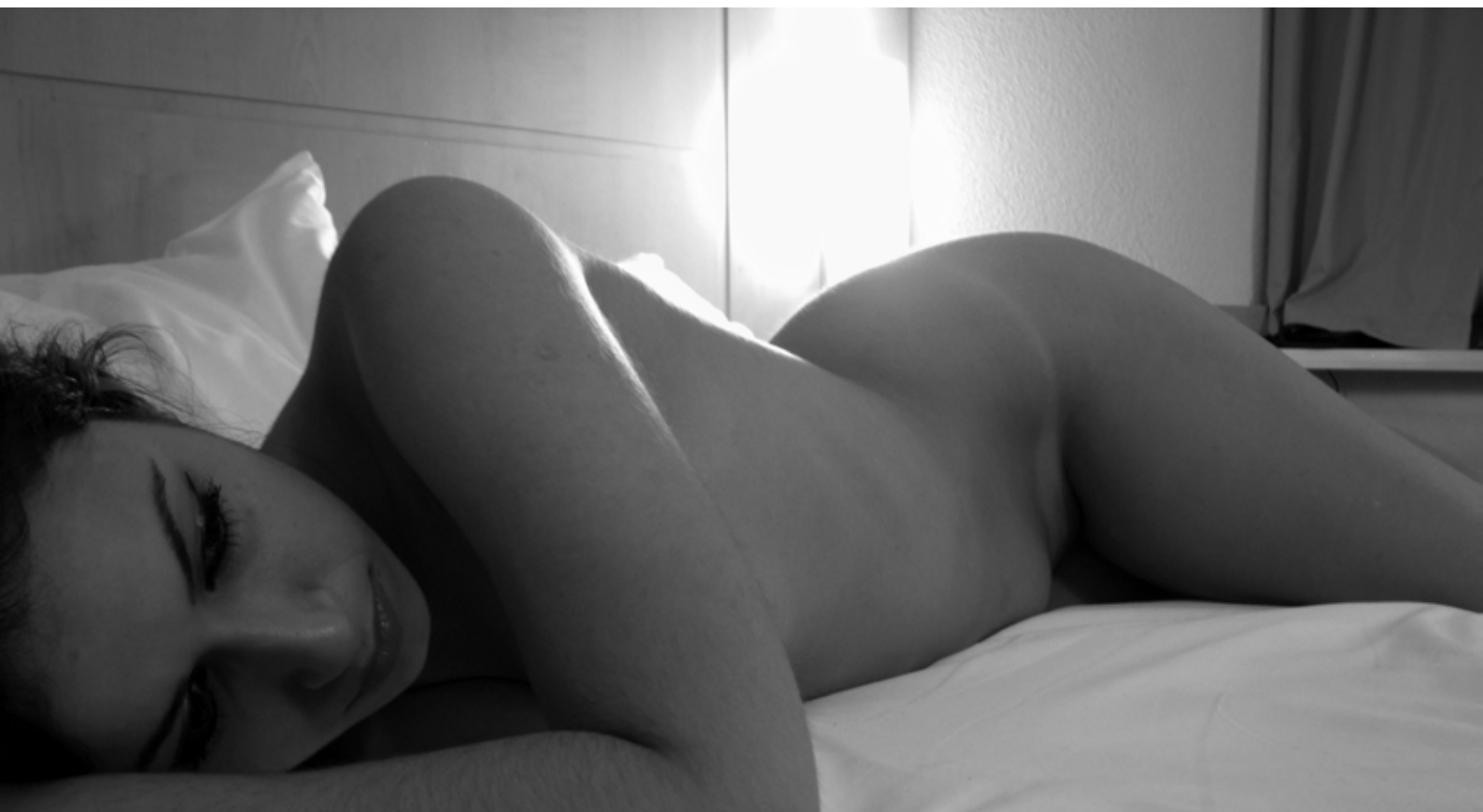
Se a diferenciação se legitima com base nem uma posição de classe ou de dentro de uma determinada instituição, então falamos de uma luta de grupos sociais. Como se o lugar do qual pronuncio o meu discurso fosse a priori melhor ou pior do que aqueles que deste são objetos. Isto faz todo o sentido nem uma sociedade competitiva como a nossa e se mostra como empiricamente observável. Mas vai directo contra os ideais satanistas.

Pois se estamos falando a falar de uma perfeição que pode ser considerada dentro da religião, estamos a falar de uma de natureza humana, e não de classe ou de grupo social. Se reduzirmos o humano e as suas potencialidades a um determinado conjunto de indivíduos constituído historicamente, e não com base em qualquer a priori instintivo ou natural, minando um dos maiores pilares do Satanismo.

Mais do que isto, legitimamos uma postura cada vez mais crescente que tende a ignorar as condições materiais e sociais enquanto factores determinantes, ainda que não em última instância, para o desenvolvimento social dos indivíduos. Até mesmo no Satanismo isto se faz presente na medida em que ele próprio não consegue dar conta das origens da diferença ou de como o meio nos pode nos impedir de exercer as nossas vontades e de, repito, explorarmos todo o nosso potencial humano.

Legitimar um darwinismo que deu certo para si é fácil quando estamos no lugar dos vencedores. Reduzir toda uma complexa questão de como se lidar com a alteridade com base nem uma arrogante visão excludente individual não é o caminho para uma prática verdadeiramente humanista. Isto significa nos fecharmo-nos enquanto indivíduos sem que olhamos para nós mesmos enquanto uma unidade de espécie. Constituímos o colectivo na mesma medida em que ele nos constitui.

Não se pretende aqui, naturalmente, detalhar uma utopia satanista, nem pensar em qualquer projeto que adopte uma natureza política; mas sim tentarmos reconhecer próximo como um mesmo, como um semelhante. Diferente nas suas individualidades, mas igual enquanto humano. Se a perfeição eugênica passa pela segregação e pelo subjugo declarado e legitimado de nossos semelhantes, que Satan nos livre deste mal.



Flanqueada oolítica

Luísa Demétrio Raposo

O corpo apregoa sons, o êxtase, a velocidade se assoma através do saibro, dentro de uma greta profunda onde a devassidão apregoa o fosforescer fundido.

O céu asfixia e apalpa perigosamente indicando a madrugada volátil entre a tua língua e o sangue que na garganta se desabotoa e eu, hipnoticamente, encontro-me entre os êmbolos da grande catástrofe, entre trovas as sílabas nidificam o texto, o sexo, os delírios que se despenham no sítios perfeitos, nos favos ardentes do fogo deliberadamente.

A libertinagem engole a pulsação que mergulha entre a cadência da infinitude. Move-se a respiração nas coisas, a sibila fêmea encharca-se em murmúrios. O ventre alberga oa rosa, que depois de erguido se deixa avassalar pelo escarlate derramado no golpe da língua, no viveiro o delírio; onde o uni-

verso incha e incendia a terra molhada, a carne única que pensa e engole a toda a potência erguida.

O membro básculo rasga-se dentro em mim e no espaço tudo arde entre a foz e a metamorfose do prazer. A boca é uma só unida pelos tremores da energia bruta, contígua sobre as linhas curvas do intenso lodacento. O corpo lateja para cavar onde os sexos espiam as alçadas. A devassidão é uma viscerabilidade nos ritmos, na luxúria exposta, no palco onde o corpo se lava em um outro corpo incandescente, na palpitação dos anais cânticos.

Denso o corredor que liga o prazer às línguas espelho na foz íntima das águas, selvagens, detonadoras de gelosias e profundos incêndios, entre as escadarias amargas do cio. O corpo range e geme desentranhado nas faíscas que estalam a cada arfar.

O desejo arregaça-se e nos trilhos começa e recomeça a grande listrada nos entales. O escarlate grita, submerso, no outro escarlate que desordena-

damente se embriaga e desespera num império enorme dentro da cripta apertada e quente.

A demência escreve selvagem e cheia. O vórtice explode, reinventa-se entre a abundância, uiva e despe as águas que escorregam dos leitos desordenados, águas claras, macias, latindo, águas lentas que lambuzam os histéricos gemidos e enlaçam ambos os quadris vacilantes.

O ópio comanda a trilha, a boca sepulta os sexos entre as alcáçovas, caçadoras, retalhadoras do de leito que circula entre elas, mantendo a constelação de saís abraçada aos muros pélvicos, na nudez semicerrada da vulva, enchendo todo o órgão de golfadas libidinosas. Sorvendo todo o salitre, atropelando o grito que entala: o aroma quente, forte e opulento da água compacta, o sémen, a libido bebe desalmadamente no olhar cheio e quente. O corpo raia, desenfeixa-se entre os nós partos, nas faces que ofegantes incrustam o anarquismo entre a sua realeza animal.

A photograph of two humanoid robots, likely the ASIMO series, in a laboratory or exhibition setting. They are white with black joints and are positioned close together, appearing to interact. The background is bright and slightly out of focus, showing other parts of the environment. A semi-transparent red banner is overlaid at the bottom of the image, containing the title and author's name.

Primo Posthuman: de artificialis natura

Júlio Mendes Rodrigo



“Quando estes elementos encontram os corpos porosos, atravessam o obstáculo, mas quando encontram a aspereza da pedra, ou uma matéria ou a dureza da madeira, rompem-se, sem poderem enviar fielmente nenhum simulacro. Ao contrário, quando se interpõe um corpo brilhante e compacto, assim como um espelho, nenhum destes fenómenos se realiza. [...] O resultado é que desta superfície, os simulacros refluem em direcção a nós [...] da superfície dos corpos escorrem impalpáveis texturas de impalpáveis figuras.”

TITUS LUCRECIUS, *De Rerum Natura*

I - Breve Contextualização da Noção de Simulacro

Platão, filósofo incontornável, chamava a atenção para uma clivagem essencial, ao estipular duas formas de fabricar imagens, ou seja a eidolopoiiké: a arte da cópia, designada por eikastiké e a arte do simulacro, phantástiké. No entanto, a partir de Platão, a imagem, eikon, será submetida às leis da mimese, atravessando de forma triunfal toda a História da representação Ocidental. Todavia, ao longo desta mesma História, o estatuto da imagem-simulacro permanecerá vago e marcado por poderes obscuros.

Por seu turno, Lucrécio considera, o simulacro como algo de intermédio. Um objecto ambíguo situado entre o corpo e a alma, “uma espécie de leve membrana que se desprende da superfície dos corpos e que volteja nos ares.” Ou seja, um corpo-alma, uma alma-corpo.

Dando um salto de muitos séculos, situar-nos-emos, momentaneamente, na filosofia de finais do século XX, que enfatiza o carácter operacional desta noção. Assim, a noção de simulacro, passa a ser uma das palavras-chave da modernidade e da pós-modernidade.

Jean Baudrillard, pensador fulcral, no que concerne à dissecação da hiper-realidade pós-moderna, considera que o simulacro é um objecto feito. Um “artefacto”, que, no máximo pode produzir um “efeito de semelhança”, ao mesmo tempo que mascara a ausência de um modelo por meio de um excesso da sua própria “hiper-realidade”. Este autor vê aqui um dos grandes perigos da modernidade não apenas pela vantagem ganha sobre o ícone, mas também na medida em que o simulacro serve de ameaça ao próprio real. Baudrillard entende ainda que, o simulacro faz explodir a ordem estabelecida da representação Ocidental baseada na noção de mimese. Este autor vai ainda mais longe, afirmando que esta, é transcendida e invalidada, em nome de uma miragem de “ideologia” e de “um modo de vida” pós-modernos. O triunfo contemporâneo do simulacro substitui a realidade mediante a simulação do real. Na perspectiva da História das

Ideias Estéticas, o simulacro proclama o triunfo dos “artefactos fantasma” e marca a crise da concepção da obra enquanto imitação de um modelo.

Todavia, o grande contributo, no que concerne à análise da verdadeira natureza dos simulacros, deve-se a um dos nomes maiores da filosofia do século passado, Gilles Deleuze. O filósofo francês, na sua obra “La Logique du Sens”, demonstrou que o O fantasma, o simulacro. Construção artificial, desprovida de modelo original, o simulacro apresenta-se como existindo em e por si mesmo. Não copia necessariamente um objecto do mundo, mas projecta-se no mundo. Existe. Nesta perspectiva, o simulacro enquanto objecto técnico-mágico-artístico não é apenas um duplo visual e inerte de um outro. É sim, um objecto que capta, de maneira eficaz o desejo, mais concretamente o desejo de perfeição. Desejo de, ultrapassagem de uma condição humana defeituosa, num Outro, ente pós-humano, logo superior.

Ao longo dos séculos, as projecções/representações de criaturas artificiais têm povoado o nosso imaginário colectivo. Imaginário que se tem alimentado de lendas antigas, de esperanças, bem como, de medos ancestrais. Ainda que, revestidas de um aparente carácter de modernidade, estas promessas assentam numa realidade antiga, revisitadas de forma sucessiva pela mitologia, bem como pela religião e magia, e posteriormente através, pela literatura e pelo cinema, em particular através ficção científica.

O modo autónomo da existência destes simulacros pode ser aferido através dos seguintes exemplos: a estátua animada por quem Pigmalião se apaixona; o Golem, figura de barro que atravessa toda a Idade Média e Renascença, e que ficou retratado de forma magistral na História da Literatura Universal, através da pena de Gustav Meyrink; o monstro saído da mente tortuosa e prometaica do Dr. Victor Frankenstein; assim como os robots e computadores que enriqueceram o imaginário ocidental no decurso de todo o século XX.

II - O Efeito Pigmalião

“Pigmalião sempre vira a vida dissoluta destas mulheres. Por isso, revoltado com os vícios sem conta que a natureza conferira à índole feminina, vivia solteiro, sem esposa; e por muitos anos não teve com quem partilhar o leito. Um dia, com arte espantosa e feliz, esculpiu uma peça de marfim da cor da neve, com a beleza com que mulher alguma consegue nascer; e enamorou-se da sua obra.” OVÍDIO, *Metamorfoses*

A história de Pigmalião e Galateia reúne os grandes traços das crenças mais antigas da Antiguidade na vida das estátuas, diferindo, todavia, num ponto essencial: nesta narrativa, é um mortal, e não um deus, que, esculpindo-a em marfim, molda uma mulher artificial à imagem daquela que ele desejaria como esposa, ainda que seja necessária uma intervenção divina para lhe dar a vida. A intervenção de Afrodite dará vida à estátua, promovida assim à categoria de primeiro ser artificial concebido por um homem à imagem do Homem.

O efeito Pigmalião, de acordo com o historiador de arte romeno, Victor Stoichita, tem a sua origem nas Metamorfoses de Ovídio. A história, tal como nos é contada pelo autor clássico, é a do jovem rei de Chipre, Pigmalião, que “com uma arte e sucesso extraordinários (...) esculpiu num marfim branco como a neve um corpo ao qual deu uma beleza que mulher alguma poderia ter por natureza. (...) Ela tinha a aparência de uma autêntica virgem que se acreditaria viva e, se o pudor não a impedisse,

verdadeiro cavalo de batalha do platonismo não foi a “imagem-ícone”, engendrada pela mimese, mas sim a “outra imagem”, a imagem cujo carácter principal não reside na “semelhança”, mas na “existência”

desejosa de se mover: de tal forma a arte se dissimula graças à sua própria arte.” Esta narrativa, a par da lenda do Golem, pode ser considerada como um dos primeiros temas conhecidos da criatura artificial.

Não deixa de ser curioso notar que esta “animação” é conferida pelo poder das palavras – a escrita. Só muito posteriormente, num segundo momento, esta história fundadora engendrará, enquanto fábula meta-artística, uma rica iconografia que começa por tomar forma dentro do universo assaz colorido das iluminuras medievais. A fábula escrita passa a fábula visível.

A ausência de uma iconografia pigmaliónica anterior ao século XIII é por si só, significativa. Quase como se, durante séculos, a força poética de Ovídio, tivesse sido suficiente para “realizar” apenas pela magia das palavras, a metamorfose de uma inerte estátua de marfim, numa mulher verdadeira. No entanto, o imaginário pigmaliónico ganha nova forma e cor no final da Idade Média, através de uma série de remodelações e reformulações. No século XIII, a lenda do escultor apaixonado pela sua obra integra uma narrativa erótica alegórica, “O Romance da Rosa”, escrito por Jean de Meun entre 1275 e 1280. No entanto, importa aqui referir que, no final do século XIII, quando Jean de

*“Ao longo dos séculos,
as projecções/repre-
sentações de criaturas
artificiais têm povoa-
do o nosso imaginário
colectivo.”*

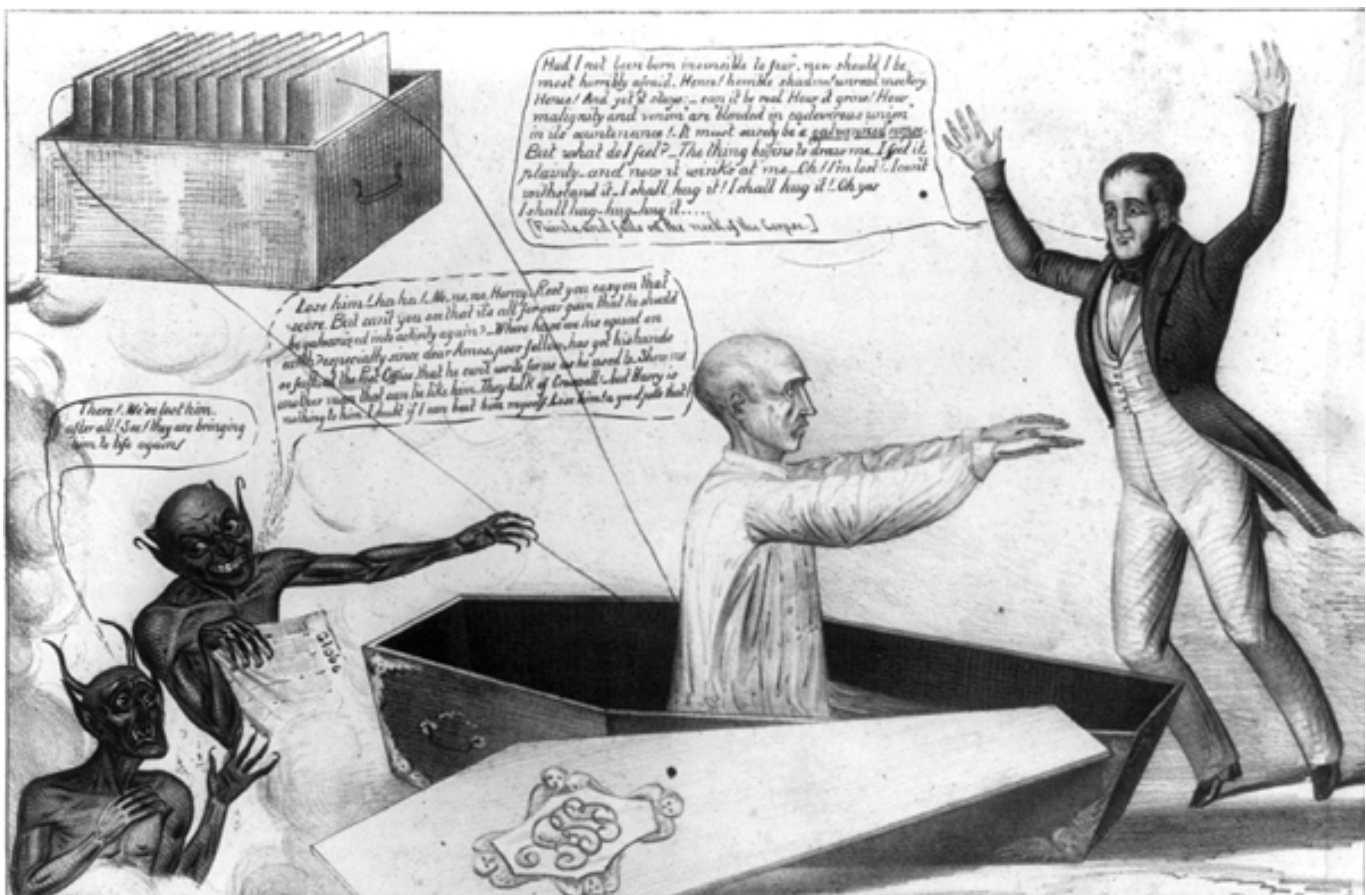
Meun redige o seu texto, o relógio era uma das mais “modernas” e brilhantes invenções dos “engenheiros” do seu tempo. Assistimos, a partir deste período, ao tratamento teórico e iconográfico das máquinas que nunca paravam. Dá-se início à ideia do movimento perpétuo dos autómatos.

O Renascimento, por seu turno, segue a via traçada pelos mitos miméticos da Antiguidade Clássica, em que, uma obra de arte, para além da sua beleza, se distinguia pela capacidade de proporcionar uma ilusão de vida: palpitação da carne; respiração do corpo e, excepcionalmente, batimento do pulso.

Assim, parece que, uma obsessão pigmaliónica aparenta estar na base da fundação da primeira História da Arte dos tempos modernos. No entanto, esta constatação é posta em causa pelo facto de ser extremamente rara a iconografia pigmaliónica nos séculos XVI e XVII, assim como o número muito exíguo de comentários textuais explícitos relativamente a esse mito, nos tratados artísticos dessa época.

Por sua vez, o século XVIII inaugura a época que marca o triunfo da metáfora escultórica, do motivo do homem estátua, e efectivamente também de Pigmalião. Nunca anteriormente, a literatura, a filosofia e artes haviam estado tão atentas e quiçá mesmo obcecadas pela metáfora escultórica em geral, e muito em particular, pela antiga narrativa Ovidiana. Efectivamente, este século parece permitir a instauração de um momento paradoxal na História da Humanidade, pois que o Século das Luzes, foi mais propenso à destruição dos mitos, do que ao seu fomento.

A recrudescência do mito da estátua viva durante o século XVIII permite o questionar do carácter divino da criação do ser humano. Se um artista é capaz de animar uma escultura, a vida deixa de ser apanágio exclusivo de Deus. Para Descartes, o Homem era apenas uma estátua, criada por Deus,





é certo, mas que se movia com a ajuda de um mecanismo bem montado como o dos relógios ou o dos engenhos de água que decoravam os jardins. Pode assim entender-se o modelo cartesiano de um homem meio-estátua, meio-relógio como um prolongamento extremo das antigas concepções acerca da relação alma e o corpo, em diálogo com as glosas literárias e iconográficas sobre o motivo da animação dos simulacros. Todavia, neste domínio, o verdadeiro avanço não é feito por Descartes, mas sim por filósofos como La Mettrie, que, no seu “L’Homme Machine”, afirmava o seguinte; “O homem é uma máquina tão complexa que se torna impossível, desde logo, fazer-se dela uma ideia, e consequentemente, defini-la. É por isso que quaisquer investigações que os mais altos filósofos tenham feito a priori, ou seja, querendo servir-se de uma qualquer maneira das asas do espírito, foram vãs. Assim, só à posteriori, ou procurando desvendar a alma como por entre os órgãos do corpo, é que se pode, não diria descobrir a própria natureza do homem, mas atingir o maior grau de probabilidade possível neste assunto. (...) A natureza utilizou apenas uma única e mesma pasta, fazendo variar apenas os fermentos (...) A alma, portanto, não é senão um verdadeiro término, de que não fazemos ideia alguma, e do qual um bom espírito deve servir-se apenas para nomear aquela parcela, que em nós pensa.”

Desta forma, a redescoberta de Pigmalião no século XVIII, com a sua elevação ao nível de divisa, assume um carácter destruturante, ou seja; relega a criação divina e impõe-se como uma poderosa metáfora da capacidade criativa do Homem, que atribui à continuidade, e até mesmo à consubstancialidade corpo-alma, uma nova evidência.

As estruturas da imaginação mítica da criação de simulacros encontraram neste período as alavancas que lhe permitiram instaurar, no dealbar do século XXI, as promessas utópicas dos trans-humanismo e do pós-humano. A criatura artificial, bem como a promessa do “adeus ao corpo”, é também o espelho fundamental que permite fazer com que o homem seja confrontado com a sua própria imagem. A estátua de Galateia, tornada mulher, exalta esse valor do seu tempo, a Beleza. Da mesma forma, o espírito técnico-científico da contemporaneidade, ainda que, por vezes, paradoxalmente imbuído de laivos irracionais procura simular a inteligência e vida, numa perene vontade de captar o humano, imitando-o e representando-o num dispositivo artificial, através do mito e da técnica.



*Este texto consiste numa adaptação da conferência intitulada “Simulações em Cena: considerações históricas em torno da noção de simulacro”, proferida no dia 04 de Abril de 2013, no Instituto Superior da Maia, no âmbito da Unidade Curricular de Artes Cénicas da licenciatura em Artes e Multimédia.

Porto, Maio anno 2013 *era vulgaris*

Bibliografia:

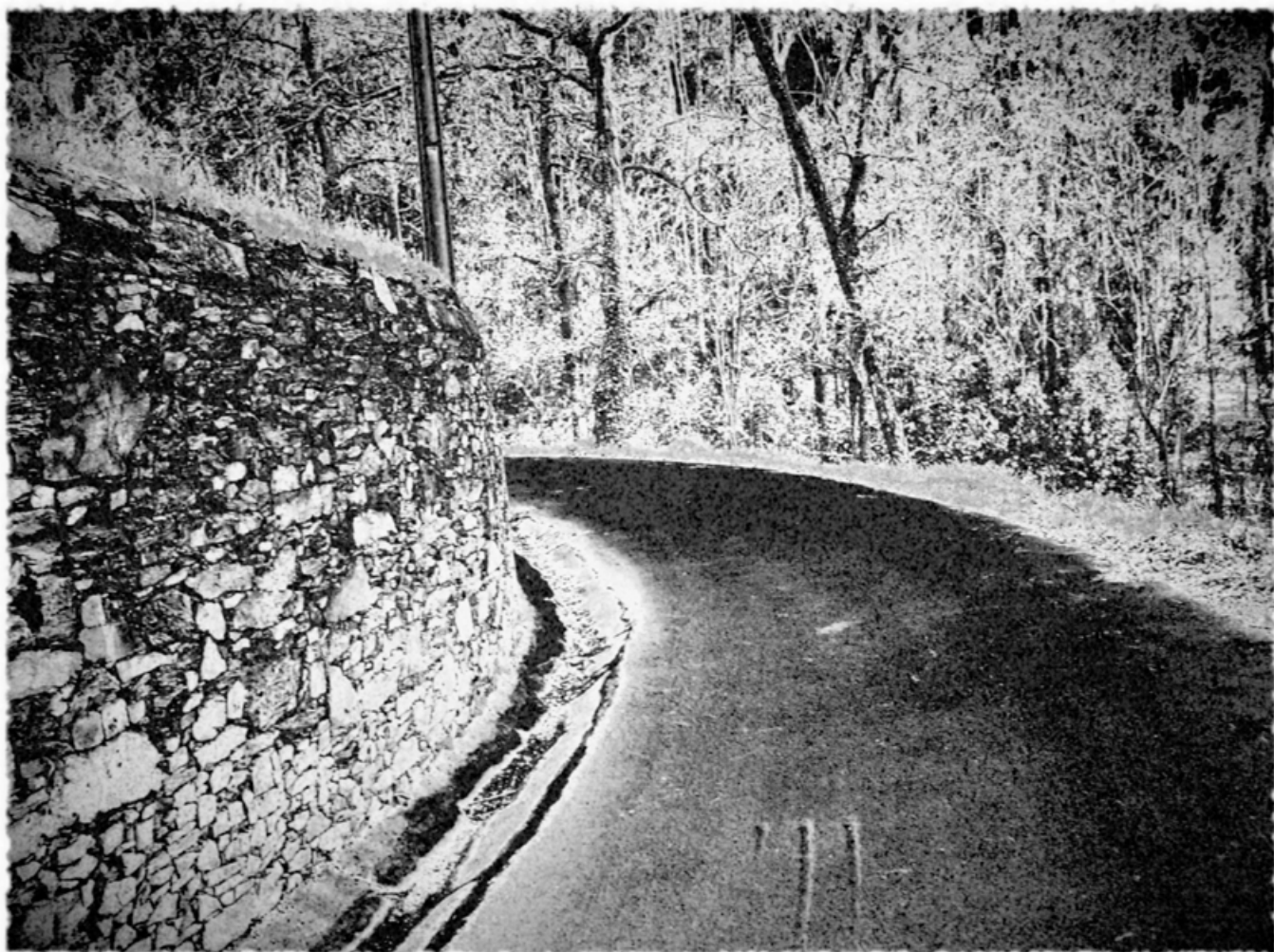
BAUDRILLARD, Jean – Simulacros e Simulações. Lisboa: Relógio D’Água, 1991.

BRETON, Philippe – Á Imagem do Homem; do golem às criaturas virtuais. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

OVID, – Metamorphoses. New York: Oxford University Press, 2008.

STOICHITA, Victor – O Efeito Pigmalião; para uma antropologia histórica dos simulacros. Lisboa: KKYM, 2011.

“a criação divina e impõe-se como uma poderosa metáfora da capacidade criativa do Homem, que atribui à continuidade, e até mesmo à consubstancialidade corpo-alma, uma nova evidência.”



O trilho perdido

Metzli

O trilho perdido

Na procura pelo melhor, o Homem conseguiu, muitas vezes, chegar a patamares que nunca tinha imaginado. Olhamos para o passado e vemos erros e atrocidades que achamos hediondas, mas se olharmos mais de perto vemos ideais.

Vemos crenças e consciências tranquilas, porque no final, o caminho percorrido fazia sentido para encontrarmos o que procurávamos. Não é verdade que os fins justificam os meios? Quando se tem uma boa ideia, temos de a experimentar para a ir melhorando. E o erro vai estar sempre presente, porque faz parte de nós.

Já em números anteriores me deduzi sobre temas tangentes ao tema

actual. Acredito, realmente, que deveríamos ser mais sensíveis a estas temáticas porque, em última instância, estamos a falar do nosso futuro. Tal como os gregos antigos, eu posso não saber de onde vim, mas tenho uma ideia parcialmente clara de para onde quero ir.

Muitos associam a eugenia aos acontecimentos registados no governo nazi. Mas a eugenia enquanto temática abordada socialmente teve o seu nascimento muito antes e vai muito além dos campos de concentração. Assuntos sensíveis, quer o nazismo quer a eugenia. Eu sei. Contudo, o que torna a eugenia enublada mais não é do que a tendência humana para lá voltar, ciclicamente.

Os homens, principalmente os de cultura judaico-cristã, temem pensar e chegar a conclusões para os quais a sua sociedade não os preparou. A sociedade, também ciclicamente, vai-nos dizendo que não devemos gostar da eugenia. Afinal somos todos iguais pela Declaração Universal dos Direitos do Homem. Afinal, não podemos classificar os nossos “irmãos” como não-aptos. Nem se quer como menos aptos. Embora outros pontos dessa mesma declaração não sejam defendidos tão fervorosamente...

Houve uma altura em que não havia problema de se discutir abertamente a eugenia. Houve uma altura em que se organizavam congressos e



em que as pessoas mais importantes da sociedade achavam que o caminho da humanidade deveria ser iluminado pelos seus conceitos. Esse caminho chegou inclusive a ser caminhado. No início do século passado, as grandes mentes uniam-se perante esta ideia. Foi essa a porta que Charles Darwin nos deixou entre-aberta. Quem teve coragem, atravessou para o outro lado.

Nós temos mesmo de ser melhores. Não podemos acreditar no bom-senso de cada um para procurar ser melhor por si só no intuito de alcançarmos a melhoria da espécie. Não podemos, não devemos. Porque isso não nos levou a nenhum porto-seguro, apenas nos tem encaminhado de tempestade em tempestade. E, na minha opinião, também não deveríamos continuar a acreditar que todos defendem os valores da ética contra os princípios eugénicos.

São vários os sinais de que os pensamentos continuam vivos e de boa saúde. Em 2007, James Watson (que em parceria com Francis Crick, identificou a estrutura em dupla hélice das moléculas de ADN) defendeu em entrevista princípios que se assemelhavam aos da eugenia. Parece-me que é uma vontade geral que exista o aperfeiçoamento da nossa espécie. Contudo, isso leva-nos a outro problema: qual é a direção da perfeição?

No nosso espaço concebido em 3 dimensões (desconsiderando a dimensão temporal), podemos imaginar-nos dentro de uma esfera, com raio r . Cada

indivíduo, por ser único, estará num ponto diferente nessa esfera e terá uma trajetória diferente em mente para atingir a sua perfeição. Claro que neste ponto estamos a jogar apenas com indivíduos satanistas; os que teimam em existir apenas por existir, sem planos para a existência e apenas por preguiça de deixarem de existir deixaremos de lado, e voltaremos a eles mais tarde.

Penso, sinceramente, que actualmente não fará muito sentido pensar na perfeição da nossa espécie dividindo os indivíduos por raças, ideologias ou crenças. Todas elas já foram tentadas e não deram os frutos desejados. A divisão por raça já nem sequer se deveria equacionar, pois com tantas misturas de genes já nem devem existir raças puras e nunca foi provado que essas seriam as raças mais interessantes. A divisão por ideologia ou crença não é confiavelmente constante.

Sugiro que sejamos divididos pelos nossos actos, por aquilo que fazemos e deixamos de fazer na nossa vida, pelas nossas capacidades e pela capacidade de execução. Só assim, de uma forma mais ou menos quantificável, conseguiremos avaliar cada indivíduo de modo a este poder contribuir (ou não) para o futuro da espécie. Só dessa forma conseguiremos garantir que vamos continuar a ter o nosso lugar no planeta.

Todas as outras espécies têm as suas formas particulares de eugenia. Não empregam a ciência e os avanços tecnológicos para esse fim porque não

foram ferramentas inventadas por si e para si. Usam mecanismos mais primitivos, do nosso ponto de vista, para conseguir o mesmo efeito. Nem temos a necessidade de sermos especialistas para o percebermos. Basta vermos um qualquer documentário para percebermos como são escolhidos os chefes das diferentes sociedades e como os diferentes elementos têm a possibilidade de se reproduzir ou não.

Sim, eu acredito que a debatermos novamente o tema da Eugenia é necessário à humanidade, mas desde que esse debate seja verdadeiramente livre. Desde que esse debate conte com as opiniões mais sinceras e sem os barramentos habituais das ideias da ética e da moral. Enquanto todos não conseguirmos falar abertamente sobre o assunto não podemos esperar que a perfeição nos encontre, nem que seja possível encontrar a perfeição.

Difícilmente, mesmo depois de termos colocados todas as nossas opiniões em cima da mesa, iremos encontrar uma única perfeição. Cada um de nós terá uma ideia mais ou menos precisa sobre o que seria perfeito. Perfeito está bem mais à frente do que viável. Ser perfeito é ser viável e ainda assim ter pormenores que fazem toda a diferença.

Embora chegar ao Perfeito seja uma odisséia interminável, chegar ao Viável deve ser o nosso objectivo maior enquanto espécie. Não podemos é permitir que o trilho já iniciado possa ser esquecido, enterrado.



A surreal and disturbing image. A woman is crawling on a wooden floor, her body contorted. She wears a white, featureless mask and high-heeled shoes. Her mouth is open in a scream, revealing teeth. A large, pale hand reaches out from behind her head, fingers splayed. The background is a plain, light-colored wall.

SÍNDROME DE PROMETEU

Adamastor



Abro um buraco com cerca de meio metro de profundidade e uma largura generosa, nada de exagerado, a largura suficiente para acamar de forma confortável as poucas raízes no fundo do esguio tronco...

A terra é altamente rica em tudo que é preciso para que o que se lhe ponha à guarda floresça, mas atiro para dentro do buraco cada pedaço de fraga que por ali esteja, pôr pedra no buraco, nada de muito científico.

Embora a terra seja fértil como o ventre de uma mãe que pertença à Associação das Famílias numerosas, tento sempre garantir que tudo pega realmente, preciso que assim seja, a terra é o que me sustenta, vou por isso buscar um saco de benefício e dentro do buraco ponho o quanto baste, tenho que ter em atenção os custos e um saco de benefício não é dado como podem imaginar... Mistura orgânica e química, tem que ser, tem que resultar, tem mesmo que pegar.

Muito bem, benefício já no buraco, bem como os pedaços de fraga, grandes e pequenos, acrescento, resta agora pôr o galho no já inúmeras vezes citado buraco. Há quem reze aos mais variados deuses, figuras mitológicas, antigos astronautas, ao Zé Carioca... Eu cá não, confio na experiência do chegador que chamei para me auxiliar, porque no atirar enxadas de terra para dentro de um buraco também existe muito saber e anos de lavoura.

Depois do chegador acabar a sua sapiente função, juntinho à pequena árvore que acabou de ser plantada, é espetado o seu tutor e ambos, árvore e tutor, são ligados por um pedaço de fio e assim ficarão durante um, dois anos, depende.

Este foi apenas o primeiro passo, pois estão mais quarenta e nove buracos abertos e quarenta e nove árvores, já enxertadas, à espera de serem plantadas.

A agricultura foi a segunda atividade praticada pelo Homem, foi aquilo que fez com que pudéssemos finalmente assentar arraiais, cortaram-se árvores, arrancaram-se ervas, abriram-se regos, planaram-se terrenos... Tudo se manipula para prosperar.

Mas antes dos agricultores andavam os caçadores, de pau afiado na mão, atrás de qualquer manada ou animal isolado, grande ou pequeno, feroz ou manso.... Um mata o outro, um come o outro, os dois dependem de um outro, uma cadeia alimentar frenética, onde só o mais engenhoso é que poderia triunfar, espécies extintas à força da lei do mais forte... Porque tudo se de-

sunha para prosperar... Matar, estripar, fornicar mais tarde a mais saudável da caverna, de forma a que a prol possa resistir ao Meio, no sentido mais amplo que possam imaginar!

As voltas que a Terra deu sobre si mesma, desde os tempos em que era matar e colher para mais tarde plantar e colher para comer e engordar de forma a sobreviver, até ao presente ano em que nos encontramos... Agora já existe o conceito de perfeição, manipulação, eugenia... Do bem e do mal, do certo e do errado. Podemos já pensar para além da sobrevivência e tentar alcançar a perfeição. O resultado do “fornicamento” do caçador e da anca mais larga da caverna pode ser obtido numa sopa gelatinosa dentro de um frasquinho de vidro em qualquer laboratório numa qualquer vizinhança...

Onde já vai o tempo em que a mais formosa era a de ancas largas, agora tem que ter obrigatoriamente o quadril estreito e o cu grande, no género do que se vê na televisão e, quando chega a hora de procriar, cada vez mais tarde,

“Não posso condenar, como poderia, se também eu manipulo as condições de forma a que a árvore que plantei no início e as outras quarenta e nove que entretanto já foram plantadas, possam crescer e florescer com as características que eu pretendo que tenham.”

da cor do cabelo à cor de olhos e até traços dominantes de personalidade se podem escolher, apresentando as variadíssimas opções numa bela encadernação tipo cardápio de um restaurante foleiro.

Tudo se pode manipular, contornar, ao gosto de quem der mais, ou de quem tiver para pagar, nada é deixado à ordem natural das coisas... Mas até nessa ordem natural, a manipulação está à vista.

Não posso condenar, como poderia, se também eu manipulo as condições de forma a que a árvore que plantei no início e as outras quarenta e nove que entretanto já foram plantadas, possam crescer e florescer com as características que eu pretendo que tenham.

A perfeição não existe, a realidade tão pouco e a verdade também carece de existência.

Cada um de nós vive na sua realidade, tem a sua verdade e procura o seu conceito de perfeição... Mas esta última só pode ser alcançada com a chamada evolução... Também este conceito pode não existir, porque quem diz que evoluir é algo positivo? Desde quando está inerente ao significado de evolução uma carga positiva? Quem está convencido de que termos “evoluído” da idade das cavernas é positivo, foi uma transformação gradual e isso não é obrigatoriamente saudável e/ou positivo, pois não?

Tudo se manipula, todos querem atingir os mais variados resultados, nem que para isso tenham que romper Leis Naturais, a única lei à qual nos deveríamos submeter, pois foi essa Eugenia universal que aqui nos plantou.

Nunca contentes com aquilo que somos continuamos a refinar a raça humana e tudo o que a rodeia... Refinamos, filtramos, escolhemos, segregamos, em nome da tal evolução, da tão afamada perfeição e dentro em breve não teremos apenas dezoito dedos, mas também vários olhos, epiderme viscosa, cérebros disformes incapazes de processar qualquer tipo de informação, seremos seres amorfos, asquerosos, rancorosos... Mas evoluídos.... E no meio dessa amálgama de aberrações, alguém achará que está quase bom, uma vez que o que agora é, daqui a um pouco, poderá já não o ser.

Mas uma coisa nunca mudou... A nossa vontade de superar o que levou milhões de anos a arquitetar, ridículo, mas um mal geral! Síndrome de Prometeu, chamo-lhe eu.



A Sobrevivência dos mais aptos

Charles Sangnoir

A história repete-se, incessantemente, em círculos. Sinto quase vapores, reminiscências, como um incenso bolorento e pavoroso, dos anos vinte.

Como uma réplica do terramoto em Wall Street, sinto-me abanado e desespero por uma alarmante e recorrente noção de crise, como se a pobreza e desgraça de outrora viessem repetidamente ensinar uma lição já esquecida.

O vil metal é novamente a origem do rebuliço social, e não tarda estala a guerra. Todos nós vimos isto acontecer, todos nós escutamos relatos, vemos filmes e lemos livros; todos nós sabemos, sem sombra de dúvida, que a derrocada financeira global antecede o armistício a escalas nunca previamente vistas. Assim foi antes das duas grandes guerras, e assim será desta feita. Da primeira para a guerra a diferença nos métodos e na carníça foi notória, e com a consciência do que uma terceira obra negra poderia trazer se construiu uma elaborada guerra fria entre a mátria de Hollywood e os cálicos campos do comunismo - filmes de espíões apà parte, essa é uma memória que parece agora brincadeira de pouca monta.

Esquecidos que estamos, e de olhos lavados pelo 11 de Setembro, faro orientado aos poços de petróleo e esquecendo que o islão é cristianismo com mais sol nas costas, deixamos de deitar atenção ao que se passa ao nosso lado.

O desejo de prosperidade, bem estar ou até status quo não é criticável - mas a estupidez é certamente: empobrecimento criado com empréstimos sobre empréstimos? 15 euros por um gin numa discoteca da moda para se fingir que se é visto? 80 euros por um bilhete de festival não para escutar bandas mas para postar fotos no facebook? Um ordenado gasto um smartphone que não servirá nem para enviar sms? Uma vida de escravidão para pagar um carro de topo num país onde não se anda a mais de 120km/h?

Cada um é dono do seu bolso - mas não me digam que não há dinheiro para comer bifes (e depois me pedirem para contribuir com pacotes de leite e massa à saída da caixa do supermercado) - não

há é dinheiro para comer merda.

Não me peçam para cortar no ordenado e pagar o motorista e as despesas de custo a políticos corruptos, não me peçam para emigrar e embrutecer este país.

Darwin propunha a evolução das espécies como uma triagem do mais apto, mas neste momento a força resume-se ao peso do ouro e da herança. Não me parece o caminho mais lógico. É óbvio que se tivesse os bolsos mais forrados a minha postura poderia ser diferente. É também verdade que esta não será a minha crónica mais coerente. Mas os vapores de Wall Street inebriam-me e sinto que quando estivermos pobres e brutos que chegue (e ainda agora a procissão vai no adro), não mais nos restará do que sorrir ao som de Fado, Fátima e Futebol. Quando o lombo estiver vergado e o cérebro atrasado que cheguem, chegará o próximo Reich.

Quem esquece a sua história está condenado a repeti-la. Só espero estar enganado.



Metendo os pés na boca

Fátima Vale

eram muitas vezes ouriços verdes
em adaptação terrestre
raramente cintilavam fora da lua ou
do sol

selene acordava
quando de partenogénese
nascia loiro o sorriso do olhar celeste

do peito maranus
escorriam duas fontes lácteas
que iluminavam o corpo imaculado
da bem amada

desenvolvia-se o espírito de lótus
no colo torturado das salinas floridas

o campo de batalha
coberto de macilentas armas

vestia-se de mimosas boninas duran-
te o sono

a vela nada receava dos astros soltos
desenhava uivos
de diamante negro nas sobrancelhas
do futuro nocturno

krishna instruía o ouvido inseguro a
arjuna
metendo os pés na boca
estendendo o riso

arjuna aprendia-se flecha
arco
vida
morte
campina voadora com asas flor de sal

as montanhas
estavam habitadas por gigantes
que arremedavam o ocaso
lavrando a terra

fêmeas bordavam pássaros
nas redes de arame
que cercavam os campos da vila

é no ronrom da deusa negra
que reside a síntese do amor absoluto

(azimute, temas originais, 2011)



Belial em San Francisco

Mosath

Poema 1

Nas costas do fogo
Um corpo de grandeza fidedigna
A individualismo nato,
A natureza ,
A instinto,
Corpo
Sobe até ao pescoço do fogo
E morde-o!

Nos braços da água,
Um corpo de grandeza fidedigna
A individualismo nato,
A natureza,
A instinto,
Corpo sobe até aos lábios da água
E morde-os!

A fibra é o sacarino veneno da
inaptidão
A fibra é a adrenalina da carne que
procura a vitória!

No peito do ar
Um corpo de grandeza fidedigna
A individualismo nato,
A natureza,
A instinto,
Corpo sobe até aos olhos do ar
E morde-os!

Nas mãos da terra,
Um corpo de grandeza fidedigna
A individualismo nato,
A natureza,
A instinto,
Corpo sobe até às unhas da terra
E lima-as!



O intelecto é a razão das descobertas
O intelecto é o martelo que explode o
vento parado dos tabus!

Belial e LaVey encontraram-se na
Black House,
Perguntou o primeiro
Ao segundo,
Sobre uma frase que lhe transmitisse,
Areias poderosas de carácter,
A perspectiva acerca do perfeito,
Da fórmula de perfeição,
Não há perfeição,
A única e ideal visão
É feita no único e ideal caminho
O da liberdade, A.

Belial apoderou-se de um copo de
absinto
Verde toque em esverdeado aroma
Levou-o aos lábios de guerra e de
liberdade,
Escudos almofadados de terrões de
terra,
Os lábios do superior estrondo da
honra cósmica.

Absinto,
Líquido escorregar de urgência,
Fragância estrídula
O verde numa passagem escarlate,
A representação de indulgência.

Mãos são as foices dos campos de
ferrugem
Não dormem, dormitam, meditam,
Mãos que não se sujam
Mãos que não se magoam
As mãos que se devem decepar
No ar
De todo o ar de mérito.

O interior da casa espaço de recreio
Dos malditos que se erguem perante
os sagrados
Os malditos são os melhores,
Os ditos pelos ditos,
Não se acham hesitados.

LaVey responde
Poeta declamador de filosofia de
vitória
O que a alma lhe sangra
O que consagra:
"Então todos os meus ossos dirão
orgulhosamente:
'Quem é que é como eu?
Não fui eu demasiado forte
Para os meus adversários?
Não me LIBERTEI eu
Pelo meu próprio cérebro e corpo?'"

Não há perfeito, que não se olhe à
perfeição,
Perfeito e imperfeito não existem,
Convenções de pó e murros intelec-

tuais,

O caminho é libertador e livre como
a paixão,
Eutanismo, Satanismo, filhos da
mãe: a verdadeira liberdade, A.

O molde do corpo que busca o que
deseja
É único e inigualável, sincero,
De nada interessa nomear ou apelidar
Uma luz que se quer nas mãos
É para agarrar,
Não é para rotular,
Não é para maquilhar.

LaVey vocifera,
Belial espera,
Olha, encoraja,
As paredes aplaudem
O que se faz é sempre o que se de-
sejou
Sabendo ou não sabendo
A alegria de fazer o que os vivos
fazem

E o que os mortos fizeram
É necessário escutar
Nascendo, respirando,
Lutando, perdendo, vencendo,
Somente o acreditar no ego
Acontece assim a diferenciação
Entre os aptos e os estúpidos
Já a fórmula devorante é a alegria
A alegria que devora os obsoletos
As algemas da mente,
É LaVey a espumar esta energia
O ser apertado nos tesouros mais
capitais do coração
Carne é a capital suprema:
"A chama eterna do poder
Habita a carne do Satanista
Através da alegria!"

Sons de piano correram pela sala
Em todo o lugar há pianos
Em todo o lugar há salas
Particularidades
A casa negra de LaVey é lar de
grandiosidade e beleza
Propriedades
É a casa negra e não é mais: perfeita
jamais
Limitar-se-ia a casa negra a um ide-
al de graça que não é de ninguém
Senão invenção para controlo e ân-
sia de alguém.

Paredes altas e imponentes
Na casa em que LaVey brinda com
Belial
Um licor de cor primordial
Vozes da Natureza,
Cor da cor da dor
À batalha
Goles intensos de Vontade, A.

Ver as partes brancas, As,
Da alienação.

Ser!
Ser perfeito,
Ser perfeição?
Não!

Ser!
Ser, ser isto,
Ser aquilo,
Ser aqueloutro.
Ser do mínimo,
Ser do superior,
Ser do infinito,
O alto, o baixo...
Ser tudo
O amoral
Ser!

Compreender o interior dos reló-
gios
E o exterior
É ser os ponteiros que não param,
Não são perfeitos,
Compreendem-se como ponteiros.

Compreender as peças do xadrez
O branco
O preto
Do tabuleiro
É ser as peças que não param,
Não são perfeitas,
Compreendem-se como peças.

Não sejas perfeito,
Belial não pensa nas luzes que se
dizem,
Nas luzes que se assobiam,
Nas luzes que se cantam,
Como sendo as que tens que sedu-
zir...

O que queres, Belial,
É limar as unhas,
As unhas das mãos
Da terra
Da vitória!
Limar o teu, limar o Eu, limar o meu
Limar,
Limar,
Ora bem,
Ora mal,
Limar.
O erro é bem-vindo!
Aprender é viver,
Aprender é gritar
Na interior da boca da vida
A vida sem dono!
A Vida.

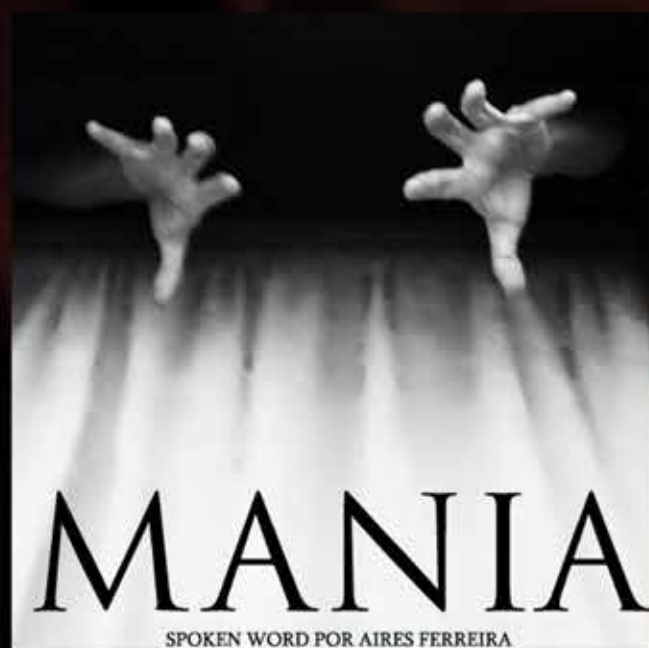


Necrosymphonic Entertainment

messing with your head since 2003



O poder da palavra está mais forte do que nunca.



Descobre todo um universo do intelecto transgressivo em:

www.necrosymphonic.com